
MULHERES POTENTES:

FINANCIANDO GÊNERO E
LIDERANÇA NA AÇÃO CLIMÁTICA



Expediente

Autora: Graciela Hopstein

Apoio à pesquisa: Martina Davidson

Revisão textual: Marcella de Melo

Tradução: Marcella de Melo; Ana van Eersel/
Arcos Tradução e Interpretação Simultânea

Diagramação: Motora Design

EQUIPE FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL

Diretora Executiva: Cristina Orpheo

Diretora de Estratégias Globais na Filantropia:
Maria Amália Souza

Coordenadora de Finanças: Taila Wengrzynek

Coordenador de Operações Institucionais:
Rodrigo Moreira

Coordenador de Comunicação: Attilio Zolin

Equipe de Administração e Finanças: Aline
Müller; Bianca Paes Mello Landim; Eliane
Ribeiro; Janice Mello; Leandra Pereira

Equipe Programática: Amanda Souza; Angelo
Ricardo Sousa Chaves; Antônio José de Paula
Barroso Neto; Arthur Jesus; Beatriz Roseiro;
Claudia Gibeli; Giovana Dominicci; Helen Maria
Oliveira Silva; Inimá Krenak; Isabela Moraes;
Ketlyn Santos; Letícia Umbelina; Lucas Freitas;
Maíra Krenak; Matheus Monteiro; Melissa
Fernandes; Regilon Matos; Rodrigo Montaldi;
Thiarles do Santos; Vanessa Ourique Purper

Equipe de Comunicação: Denise Farias; Lucas
Duarte Matos; Nataly Queiroz

Gestor de Tecnologia: Helder Soares

Estagiários: Murilo Wengrzynek; Pedro Soares

Realização:



Apoio:



Sumário

Apresentação	04
Introdução	07
1 - De onde partimos	11
Metodologia e abordagem da avaliação desenvolvida em 2025	
2 - A Aliança GAGGA: trajetória e desafios enfrentados	14
3 - A atuação do Fundo Casa Socioambiental no contexto da Aliança GAGGA	17
Recursos doados e estratégias de apoio	
Recursos mobilizados pelo Fundo Casa Socioambiental no contexto do Programa GAGGA	
Territórios, regiões geográficas e biomas alcançados a partir dos apoios realizados pelo Fundo Casa Socioambiental	
Impactos das obras de infraestrutura nos territórios de atuação das organizações e coletivos apoiados	
4 - Perfil das organizações apoiadas pelo Fundo Casa Socioambiental entre os anos 2021–2024	35
Organizações e coletivos formalizados e não formalizados	
Abrangência de atuação das organizações e coletivos apoiados	
Tamanho das equipes e orçamentos das organizações e coletivos apoiados	
Diversidade de públicos envolvidos nas organizações e coletivos apoiados	
Participação das mulheres nas organizações e coletivos apoiados	
Articulações, parcerias e incidência política nas organizações e coletivos apoiados	
5- Resultados alcançados no contexto do Programa GAGGA	49
Mudanças nas organizações e grupos apoiados	
Fundación Socioambiental Semilla: da semente ao fundo independente	
6- Pontos de chegada: os impactos do Programa GAGGA na atuação do Fundo Casa Socioambiental	56



APRESENTAÇÃO

VANESSA OURIQUE PURPER

Gestora de Programas –
Fundo Casa Socioambiental

O ano era 2016 e muitas conversas, desejos, sonhos e aspirações já haviam sido desenhados nas mentes e corações de mulheres diversas, antes do primeiro passo concreto em direção ao lançamento dessa Aliança.



Com um nome tão longo quanto sua pretensão, a Global Alliance for Green and Gender Action, a GAGGA, surgiu para visibilizar, escutar, empoderar e colocar no centro das soluções socioambientais as mulheres e pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero do Sul Global dedicadas à defesa da vida, do ambiente limpo, seguro e são. Para fazer isso, a GAGGA desenhou uma metodologia inovadora que combinou saberes e experiências de diversos atores e atrizes do campo ambiental e dos feminismos: fundos de mulheres, fundos ambientais, organizações ativistas e produtoras de conhecimentos, além da principal razão da existência da GAGGA — as organizações de base comunitária lideradas por mulheres, pessoas trans, intersexo e não binárias.

Dez anos dessa atuação conjunta se passaram e o Fundo Casa Socioambiental esteve presente em cada passo desse caminho. Eu costumava dizer que a GAGGA era uma “Enterprise”, a espaçonave da franquia Star Trek, portanto, manter esse fenômeno orbitando nunca foi uma tarefa fácil. Mas juntas/juntes nós conseguimos e acumulamos muita história para contar. O Fundo Casa apoiou 196 iniciativas lideradas por mulheres e dissidências de gênero, não somente no Brasil, mas também na Argentina, Bolívia e Paraguai.

Realizamos três encontros presenciais de integração e colaboração mútua dedicados às pessoas líderes dos projetos que apoiamos. Participamos de três atividades relacionadas à iniciativa “Vínculo & Aprendizagem” (Linking & Learning), oferecidas pela GAGGA, para reforçar a atuação e os conhecimentos de seus participantes sobre temas-chave na interseção entre gênero e justiça ambiental, sendo elas: um encontro de formação sobre gênero no contexto do Fundo Verde do Clima; levamos grupos apoiados pelo Fundo Casa e Fundo ELAS+ ao evento Diálogo Mulheres em Movimento; e participação direta na publicação [“Pequenos Investimentos com Grandes Impactos – Soluções climáticas dos territórios com justiça de gênero”](#). O Fundo Casa esteve presente em diversos encontros, presenciais e online, contribuindo para influenciar outros doadores a olharem para a interseção entre esses dois temas tão relevantes para nosso tempo: justiça de gênero e justiça socioambiental.

Historicamente, as mulheres têm um papel fundamental nas questões relacionadas à defesa de direitos humanos ambientais, ao bem-estar coletivo, à manutenção da justiça e ao equilíbrio social. Quando nos debruçamos sobre as ações de defesa dos biomas e ecossistemas que garantem a sobrevivência de todas as formas de vida no Planeta Terra, percebemos que essa presença ganha ainda mais destaque. Em contrapartida, a mulher e as pessoas dissidentes são as mais ameaçadas, assassinadas e silenciadas por um sistema excludente, machista e destruidor.

Os efeitos das mudanças climáticas operam de forma diferenciada sobre esses corpos. E é por isso que apoiar as mulheres e dissidências na luta pela justiça ambiental e climática é cada dia mais necessário.

A oportunidade de atuar em aliança é uma característica feminina e a GAGGA, além de financiar mais de 4000 projetos liderados por mulheres e dissidências de gênero entre 2016 e 2025, contribuiu imensamente para a construção e fortalecimento de redes de mulheres defensoras dos direitos humanos e ambientais, de colaborações entre fundos filantrópicos de justiça social do Sul Global e para a expansão de conhecimentos e consciência sobre a relação (muitas vezes perversa) entre raça, gênero e classe no contexto ambiental.

E assim, como viemos fazendo ao longo dos dez últimos anos, seguiremos acompanhando com atenção e cuidado o florescer de tantas sementes plantadas em conjunto.

É imperativo que todas as pessoas parem, olhem e escutem as mulheres e pessoas dissidentes de gêneros nas suas demandas por justiça, acesso a um ambiente são, limpo e seguro. Hoje o nosso jardim está florido e diverso, e seguiremos atentas e atuantes para que esse trabalho de carinho e cuidado com a vida permaneça e se expanda.



INTRODUÇÃO

GRACIELA HOPSTEIN

Autora

Esta publicação analisa o percurso e o papel do Fundo Casa Socioambiental no âmbito da Aliança GAGGA, tomando como ponto de partida o balanço da implementação do Programa em suas dimensões local e regional — Brasil, Paraguai e Bolívia. O Programa tem como foco principal o fortalecimento de organizações e coletivos de base comunitária, especialmente aqueles liderados por mulheres e/ou pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero¹ que atuam no campo da justiça socioambiental e climática.

Assim, a avaliação desenvolvida entre os meses de janeiro e junho de 2025 se debruçou sobre a análise da **atuação do Fundo Casa no âmbito da Aliança e na sua implementação a nível local e regional**. É importante ressaltar que ao longo da publicação utilizamos o conceito de Aliança GAGGA quando nos referimos à articulação global e, por sua vez, a ideia do Programa está relacionada à implementação de ações e à participação do Fundo Casa na Aliança.

Esta publicação integra o **terceiro volume da série *Mulheres Potentes*** e tem por objetivo aprofundar os debates e aprendizados apresentados nas edições anteriores sobre o papel decisivo das mulheres, pessoas trans, intersexo e não binárias na defesa de seus territórios, bem como sobre os impactos das mudanças climáticas em populações historicamente marginalizadas. Os volumes anteriores ressaltaram que fortalecer as redes comunitárias e territoriais é um passo essencial para consolidar práticas de justiça socioambiental em seus diferentes contextos. Tomando essas reflexões como ponto de partida, este volume aprofunda as análises já realizadas e busca, ao mesmo tempo, valorizar e dar visibilidade às metodologias de apoio que têm contribuído de forma concreta para catalisar transformações em nível local e comunitário. Entre continuidades e novidades, as análises apresentadas neste volume reforçam a centralidade das dinâmicas territoriais, da incidência feminista, das comunidades LGBTIA+ e da filantropia comunitária como eixos estruturantes do Programa.

¹ A expressão “pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero” refere-se a sujeitos cuja existência, identidade ou expressão de gênero desafiam as normas binárias e heteronormativas que estruturam a sociedade. Inclui pessoas trans, travestis, não binárias, intersexo e outras identidades que questionam a naturalização das categorias “homem” e “mulher” como únicas e fixas.



Ao mesmo tempo, a sistematização realizada nesta publicação responde a um objetivo estratégico: **produzir conhecimento a partir da prática**. Registrar trajetórias, metodologias e resultados permite valorizar experiências, visibilizar conquistas, identificar desafios persistentes e orientar futuros caminhos de fortalecimento comunitário. Assim, ao reunir evidências quantitativas, narrativas qualitativas e percepções de múltiplos atores, esta publicação busca contribuir com o campo da justiça climática com enfoque de gênero, oferecendo insumos para organizações sociais, pesquisadoras/es, financiadores e tomadores/as de decisão.

Além disso, ao adotar uma perspectiva de produção de conhecimento **“bottom-up”** (de baixo para cima), esta publicação procura valorizar aprendizados e saberes que emergem dos territórios e das práticas cotidianas das organizações de base comunitária. A difusão desses saberes em formatos acessíveis fortalece a transparência, amplia o compartilhamento de experiências e contribui para que outras iniciativas possam adaptá-las aos seus contextos ou aprender com elas. Dessa forma, democratiza-se o acesso às informações, multiplicam-se referências e impulsiona-se um ecossistema de soluções locais conectadas por desafios comuns.

A estrutura desta publicação está organizada em **seis partes**. Após as apresentações e a introdução, a primeira parte apresenta o percurso metodológico da avaliação e seus eixos analíticos. Por sua vez, a segunda analisa a trajetória da Aliança GAGGA, seus desafios institucionais e os contextos políticos que guiaram sua atuação. A continuação, a terceira parte, aborda a trajetória do Fundo Casa Socioambiental no âmbito da Aliança, detalhando recursos mobilizados e doados e as parcerias. Em seguida, a quarta e a quinta partes se concentram na avaliação do Programa: no perfil das organizações apoiadas e nos resultados alcançados, incluindo um estudo de caso emblemático: a *Fundación Socioambiental Semilla*, da Bolívia. A sexta parte discute os impactos do Programa na atuação do Fundo Casa e traz reflexões sobre o legado da GAGGA e os desafios para sua continuidade.

Mais do que uma estrutura analítica, este trabalho é o resultado de um processo coletivo de escuta e colaboração. Esta publicação só foi possível graças à generosidade e disponibilidade de **todas as pessoas entrevistadas**, que compartilharam suas experiências, aprendizados e visões de futuro. **Reconhecemos igualmente o cuidado e o rigor presentes nos relatórios elaborados pelas organizações apoiadas e sistematicamente coletados pelo Fundo Casa Socioambiental, que contribuíram de forma decisiva para a análise aqui apresentada.**

Nosso agradecimento se estende às organizações e coletivos parceiros, às lideranças comunitárias, aos financiadores e às equipes técnicas envolvidas nos processos de implementação e avaliação. A cada uma dessas pessoas, organizações e instituições, expressamos nosso profundo reconhecimento: é da multiplicidade de vozes, práticas e territórios que se constrói uma filantropia comunitária viva, feminista e transformadora.

Que este material sirva como registro,
reflexão e inspiração. Que fortaleça
o que já floresceu — e abra novos
caminhos para o que ainda está por vir.



Foto: AFAQUITEL - Inauguração da Casa,
Fundação de um banco de sementes
de árvores nativas do bioma caatinga

Relação das pessoas entrevistadas que
contribuíram com o processo de escuta para
o desenvolvimento desta publicação:

Tamara Mohr – Both ENDS (Países Baixos)

Elida Miranda – Fundo Positivo (Brasil)

Narcisa López; Carlos Ayala; Marília Aguilár; Perla Benítez; Ada Ramirez;
Norma Beatriz Caballo Valdez – Coordinadora Departamental de Mujeres
de San Pedro (Paraguai)

Eduardo Franco Breton – Fundación Socioambiental Semilla (Bolívia)

Rodrigo Montaldi; Maira Krenak – Fundo Casa Socioambiental (Brasil)

Nira Medeiros – Associação de Mulheres Indígenas do Povo Arapiun (Brasil)




1. DE ONDE PARTIMOS

A avaliação do Programa GAGGA para o período 2021–2025 e da trajetória da atuação do Fundo Casa Socioambiental no contexto da Aliança, realizada entre os meses de janeiro e junho de 2025, foi o ponto de partida para a elaboração desta publicação.

Ela nasce da necessidade de compreender, de forma sistemática, os caminhos trilhados pelo Fundo Casa Socioambiental nesse percurso, com a finalidade de analisar as mudanças promovidas, os resultados alcançados e os aprendizados gerados a partir do desenvolvimento do Programa que esteve voltado principalmente à doação de recursos financeiros para organizações e coletivos da sociedade civil liderados majoritariamente por mulheres, pessoas trans, intersexo e não binárias, tanto no Brasil como em países da América do Sul (Paraguai e Bolívia, especificamente).

Ainda que o recorte temporal da avaliação seja de cinco anos, **o olhar aqui se concentra no intervalo entre 2021 e 2024**, período em que foram realizados os apoios (doações) e consolidadas parcerias com atores estratégicos. O ano de 2025 foi dedicado à avaliação e à sistematização das informações produzidas, marcando o ponto de chegada deste processo.

Analisar o impacto das doações é estratégico para o Fundo Casa Socioambiental, evidenciando como os recursos financeiros contribuíram para fortalecer organizações e grupos de base comunitária, em sua maioria liderados por mulheres, pessoas trans, intersexo e não binárias, inclusive em contextos territoriais e políticos de profunda adversidade. Esse esforço de avaliação é também uma aposta política porque parte do reconhecimento da potência da atuação dos diversos públicos envolvidos e suas comunidades na defesa de seus territórios, do acesso à água, da soberania alimentar e da vida em todas as suas formas, reafirmando a relevância de seu protagonismo no campo da justiça socioambiental.



Metodologia e abordagem da avaliação desenvolvida em 2025

A pesquisa realizada no âmbito da avaliação adotou uma metodologia mista, combinando abordagens quantitativas e qualitativas, e foi orientada tanto pela **Teoria da Mudança** quanto pelo **Marco de Resultados** estabelecidos pela Aliança GAGGA para o período. Essa abordagem colocou a ênfase nos processos de transformação ocorridos a partir do fortalecimento de grupos de base comunitária, da construção e articulação de parcerias e da execução de ações coletivas de incidência em diversos níveis. É importante destacar que a abordagem analítica escolhida parte do princípio de que são os coletivos de base, liderados majoritariamente por mulheres, os atores mais bem posicionados para promover soluções locais frente às crises ambientais e climáticas.

Nesse contexto, três eixos estratégicos orientaram a análise. O primeiro foi o fortalecimento de capacidades, de resiliência e de liderança das pessoas envolvidas no contexto das organizações e/ou coletivos de pertencimento.

O segundo consistiu na vinculação entre movimentos de justiça climática, ambiental e de direitos das mulheres, ampliando redes de solidariedade para a ação política. Por fim, o terceiro eixo concentrou-se na incidência em políticas públicas e na atuação junto a investidores e doadores, com o objetivo de tensionar as lógicas tradicionais da filantropia e ampliar o espaço para soluções lideradas por mulheres e comunidades em seus territórios.


A **pesquisa quantitativa** desenvolvida no âmbito desta avaliação consistiu no processamento de dados e na produção de informações — apresentadas em tabelas e gráficos — a partir dos relatórios elaborados pelos grupos apoiados, bem como de outras fontes sistematizadas pelas equipes técnicas e disponíveis na base de dados do Fundo Casa Socioambiental. Essa abordagem permitiu traçar o perfil dos **75 grupos apoiados ao longo do período**, produzir informações sobre os projetos desenvolvidos e os resultados alcançados nas duas linhas de apoio: **Mulheres Liderando a Ação Climática e Soluções Climáticas Justas na Perspectiva de Gênero**.

Por sua vez, as **técnicas qualitativas** abrangeram a análise documental — com revisão de documentos estratégicos — e a realização de 6 entrevistas semiestruturadas com 13 atores e atrizes estratégicos/as envolvidos/as na construção da Aliança e na implementação do Programa. As entrevistas buscaram responder a perguntas como: **Quais mudanças mais marcaram a atuação dos grupos apoiados? Que barreiras persistem na integração entre justiça climática e justiça de gênero? Quais estratégias se mostraram mais eficazes para fortalecer organizações comunitárias em cenários de crise?**

A seleção das pessoas entrevistadas atendeu a critérios de diversidade, refletindo a pluralidade de atores e atrizes envolvidos/as. Participaram: financiadores, mulheres indígenas da Amazônia brasileira, coletivos camponeses na Bolívia, organizações feministas do Paraguai, além de parceiros e representantes de fundos independentes do Brasil e da Bolívia que atuam nos campos da diversidade e da justiça socioambiental, além da equipe técnica do Fundo Casa. Essa escuta plural garantiu que a avaliação não se restringisse apenas a números, mas também captasse as vozes e as percepções das pessoas diretamente envolvidas e impactadas pelos apoios.



2. A ALIANÇA GAGGA: TRAJETÓRIA E DESAFIOS ENFRENTADOS



A Aliança GAGGA é uma articulação global que visa catalisar o poder coletivo dos movimentos pelos direitos das mulheres e pela justiça ambiental, com o objetivo de garantir que mulheres, especialmente aquelas de comunidades de base, possam exercer seus direitos à água, à soberania alimentar, a um ambiente saudável, entre outros. Coordenada internacionalmente pelo FCAM (Fundo Centroamericano de Mujeres), com participação de MamaCash e Both ENDS, GAGGA opera em mais de 50 países, incluindo Brasil, Bolívia e Paraguai, tendo o Fundo Casa Socioambiental como parceiro estratégico na América do Sul. A Aliança foi criada em 2016 e, ao longo de sua trajetória de 10 anos, recebeu aportes financeiros da Cooperação Holandesa, além de ter mobilizado recursos provenientes de outras fontes. Por sua vez, é importante destacar que as organizações que compõem a coordenação da Aliança também desempenharam o papel de intermediárias financeiras entre a Cooperação e as organizações parceiras, repassando recursos tanto para os fundos socioambientais quanto para os fundos de mulheres.

Além de promover apoios financeiros a grupos de base comunitária, os fundos independentes que integram a Aliança tiveram como foco de atuação o desenvolvimento de estratégias de fortalecimento organizacional, criação de redes, incidência política e a produção de conhecimento, sempre em diálogo com os territórios e a partir das demandas e especificidades das mulheres defensoras do meio ambiente. Essa visão é relevante aos fins desta avaliação, já que os resultados alcançados através da Aliança se estendem muito além dos números: de fato, a GAGGA vem se consolidando como uma referência nos campos da filantropia independente, socioambiental e feminista do Sul Global.

As entrevistas realizadas no marco deste estudo indicam que a trajetória da Aliança GAGGA não se desenvolveu de forma linear, já que foi marcada por desafios, dilemas institucionais e contextos políticos adversos.

A aproximação entre movimentos ambientalistas e feministas foi um dos desafios iniciais que a Aliança enfrentou. Se, de um lado, a integração das agendas socioambientais e de gênero era um dos ativos estratégicos da Aliança, por outro, houve dificuldades de alinhamento de visões e dinâmicas de atuação entre os fundos socioambientais e de mulheres, mesmo ambos atuando no campo da filantropia independente de justiça socioambiental.

Ao longo da trajetória, a Aliança também enfrentou desafios na área de gestão. Com equipes enxutas, a coordenação da Aliança em diversos momentos precisou optar entre investir em processos mais robustos de gestão da informação e do conhecimento ou concentrar esforços no fortalecimento de estratégias de apoio a grupos de base comunitária, tendo priorizado esta última frente de atuação.


**O cenário de retração do
financiamento internacional
— em especial da Cooperação
Holandesa —, no contexto
do avanço da extrema direita,
constitui um dos principais
desafios enfrentados pela
Aliança. Esse processo impactou
diretamente a sua continuidade
e, conseqüentemente, a
manutenção das doações para
organizações da sociedade civil
de base comunitária no Sul Global.**

Certamente, as informações aqui apresentadas revelam que a Aliança GAGGA não percorreu um caminho linear de resultados previsíveis, mas trilhou uma jornada marcada tanto por impasses como também pela capacidade de resistência e reinvenção. É justamente nesse movimento — entre o risco e a criação, entre a retração e a reinvenção — que reside a potência da Aliança em fortalecer a sociedade civil de base comunitária, em cultivar sementes de futuro mesmo em terrenos áridos e em cenários adversos, que efetivamente conseguiram alavancar transformações que permanecem vivas nos territórios.


Assim, partimos de uma experiência complexa e desafiadora, mas também profundamente transformadora, uma vez que estamos falando de uma aliança do Sul Global que, mesmo diante de crises políticas e de cortes de recursos, continuou fortalecendo mulheres, ativistas ambientais e comunidades na defesa de seus territórios. De fato, a avaliação realizada confirma que, ao semear conhecimento, articulação e confiança, a Aliança GAGGA contribuiu para catalisar processos de mudança em diversos níveis e envolvendo uma diversidade de atores e dinâmicas.



Foto: Coletivo Mãe Preta - Plantio das mudas e sementes adquiridas no espaço do jirau medicinal quilombola do Itacuruça



3. A ATUAÇÃO DO FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL NO CONTEXTO DA ALIANÇA GAGGA



A experiência do Fundo Casa Socioambiental no contexto da Aliança GAGGA reflete uma trajetória de apoio que combina a resposta a emergências locais com o fortalecimento político e institucional de organizações, coletivos e comunidades. Entre os anos de 2021 e 2024, o Fundo Casa atuou de forma articulada em diferentes territórios, mobilizando recursos de fontes diversificadas e ampliando as modalidades de apoio (entre cartas-convite e editais abertos), alcançando um conjunto diferenciado de organizações e coletivos liderados por mulheres que atuam como defensoras ambientais e territoriais e, portanto, no campo da justiça socioambiental.

A seção a seguir apresenta a análise da trajetória recente do Fundo Casa Socioambiental no âmbito da implementação das atividades da Aliança GAGGA, ao qual chamaremos de Programa GAGGA. Serão apresentadas informações relacionadas aos recursos mobilizados e doados; às estratégias de *grantmaking* e aos apoios realizados; aos territórios, regiões geográficas e biomas alcançados e às parcerias que orientaram a sua atuação ao longo do período.

Recursos doados e estratégias de apoio

No contexto do Programa GAGGA, entre os anos de 2021 e 2024, o Fundo Casa Socioambiental apoiou **75 organizações e coletivos comunitários** na América do Sul por meio de chamadas abertas e cartas-convite. Essas iniciativas, com foco no Brasil, Bolívia e Paraguai, totalizaram **doações no valor de USD 576.381,16**.

Na tabela ao lado, são apresentadas informações detalhadas, por ano, sobre os apoios realizados e recursos doados pelo Fundo Casa Socioambiental.

Tabela 1: Apoio realizado, recursos doados, tipo de chamada e países contemplados

ANO	APOIOS REALIZADOS	RECURSOS DOADOS (EM DÓLARES)	TIPO DE CHAMADA	PAÍSES
2021	15	79.458,30	Carta-convite	Brasil e Paraguai
2022	19	182.545,29		
2023	26	184.908,03	Chamada de Projetos	Brasil
2024	15	129.469,54		
TOTAIS	75	576.381,16	4 processos de seleção/apoio	



Nos dois primeiros anos, por meio de cartas-convite dirigidas a **organizações comunitárias lideradas por mulheres² — indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras, camponesas e agricultoras familiares** —, os apoios estiveram focados em ações de enfrentamento às consequências da pandemia da COVID-19, da mineração, do desmatamento e do avanço do agronegócio.

De acordo com os dados apresentados na tabela abaixo (Resumo dos temas centrais das chamadas, por ano), observa-se que, nos últimos anos, as chamadas públicas ampliaram os apoios, contemplando em 2023 **pessoas trans, intersexo e não binárias** e, mais recentemente, em 2024, **coletivos periféricos urbanos e ativistas de base**. Com relação aos focos temáticos, é possível afirmar que, nos últimos anos, eles se concentraram no **fortalecimento institucional, em ações de incidência e de construção de redes (2023)**, assim como na **resiliência climática, na equidade de gênero e na valorização dos saberes locais (2024)**.

² Embora lideradas por mulheres ou com recorte de gênero bem estabelecido, nota-se que as organizações em questão não foram exclusivas de mulheres, pois também houve apoio a organizações mistas.

Tabela 2: Resumo dos temas centrais das chamadas, por ano

ANO	PÚBLICO PRIORITÁRIO	TEMA CENTRAL
2021	Organizações comunitárias lideradas por mulheres em comunidades tradicionais e rurais	Mulheres liderando a ação climática; impactos da pandemia, mineração e agronegócio
2022	Expansão para marisqueiras, fechos de pasto e grupos mistos com liderança feminina	Justiça climática com fortalecimento de redes
2023	Inclusão de pessoas trans, intersexo, não-binárias; fortalecimento de redes feministas e climáticas	Fortalecimento institucional, incidência política e trabalho em rede
2024	Inclusão de coletivos urbanos periféricos; organizações com orçamentos menores; ênfase em ativismo de base	Resiliência climática, equidade de gênero, proteção de florestas e soluções climáticas baseadas em saberes locais

A trajetória de doações no âmbito do Programa no período analisado revela **duas tendências** complementares:

- A. Aumento do investimento médio por projeto**, com destaque para 2024, que mesmo mantendo o número de projetos equivalente a 2021 (15 apoios), apresenta valores significativamente maiores.
- B. Ampliação dos sujeitos políticos** reconhecidos como defensoras ambientais, com foco interseccional cada vez mais evidente: as chamadas passaram a incorporar explicitamente questões de gênero dissidente, proteção de florestas, soluções climáticas baseadas em saberes locais e governança territorial.

A mudança nos temas das chamadas — de *Mulheres Liderando a Ação Climática* (2021–2023) para *Resiliência Climática e Equidade de Gênero* (2024) — também é um indicativo desse deslocamento de abordagem já que, além do foco em gênero, passa a haver um destaque explícito a ações de justiça climática enraizadas nos territórios, nas alianças comunitárias, nos saberes das lideranças (mulheres) e nas dissidências de gênero.



Ao analisar os apoios realizados ao longo do período, é possível identificar mais do que uma continuidade de repasses financeiros: **os dados revelam uma arquitetura política cuidadosamente articulada que combina agilidade de resposta, escuta ativa dos territórios e ampliação contínua dos sujeitos políticos considerados centrais na luta por justiça climática e socioambiental.** Este panorama permite compreender não apenas onde e como os recursos foram distribuídos, mas também de que maneira o Programa e o Fundo Casa Socioambiental vêm desenhando um modelo de financiamento diferenciado.

Ao mapear os tipos de chamada, a distribuição territorial (Brasil e Paraguai) dos apoios e a evolução dos valores investidos, a análise apontou para a construção de uma estratégia que, ao mesmo tempo em que responde a emergências locais, contribui para o fortalecimento institucional e político de comunidades historicamente marginalizadas, com ênfase em mulheres, dissidências de gênero e defensoras de territórios.

Por fim, a partir da análise dessa trajetória é possível afirmar que o Fundo Casa Socioambiental vem construindo dinâmicas de apoio baseadas em visões **ético-políticas vinculadas à diversidade, às demandas das comunidades, ao reconhecimento da capacidade de criar soluções por parte dos grupos de base e aos saberes locais (ancestrais).** Dessa forma, a estratégia de *grantmaking* desenvolvida pelo Fundo Casa no contexto do Programa GAGGA pode ser entendida como uma tecnologia social diferenciada que articula ações de cuidado, agilidade de resposta, reconhecimento de ativos locais e catalização de processos de transformação.

Recursos mobilizados pelo Fundo Casa Socioambiental no contexto do Programa GAGGA

Ao longo do período, e de acordo com as informações apresentadas na tabela abaixo, foram mobilizados **€ 645.700 (cerca de R\$ 3,5 milhões)** provenientes de três fontes principais: Both ENDS (Cooperação Holandesa), Embaixada da França e recursos próprios do Fundo Casa Socioambiental. Isso pode ser observado na tabela ao lado:

Tabela 3: Recursos mobilizados, por fonte de financiamento, entre 2021–2024

ANO	FONTE DE FINANCIAMENTO	TOTAL EM REAIS	TOTAL EM EUROS
2021	BothENDS	R\$ 649.723,00	125.000,00 €
2022	BothENDS	R\$ 647.929,00	112.500,00 €
2022	Embaixada da França	R\$ 330.000,00	57.292,00 €
2023	BothENDS	R\$ 540.567,00	100.000,00 €
2023	Recursos Próprios (Fundo Casa)	R\$ 315.040,00	64.163,00 €
2023	Embaixada da França	R\$ 303.200,00	55.000,00 €
2024	Embaixada da França	R\$ 150.000,00	30.000,00 €
2024	BothENDS	R\$ 572.674,00	101.745,00 €
TOTAL	-	R\$ 3.509.133,00	645.700,00 €



A partir das informações apresentadas, é possível observar a **centralidade dos recursos advindos da cooperação internacional** (repassados através da Both ENDS) para o desenvolvimento do Programa, totalizando um montante de € 645.700 (R\$ 3.509.133,00, de acordo com as taxas de câmbio nos diversos anos).

Contudo, ao observar a trajetória dos recursos mobilizados, percebe-se uma **tendência progressiva à diversificação das fontes de financiamento**, já que a partir de 2022, a Embaixada da França passa a contribuir com recursos expressivos para o Programa. No ano de 2023, observa-se que o Fundo Casa também contribuiu com investimentos, aportando recursos financeiros institucionais para a implementação de ações de apoio. De acordo com uma das pessoas entrevistadas: “Os aportes financeiros do Casa representam a consolidação de uma estratégia voltada também para fortalecer seu posicionamento com relação às formas de fazer *grantmaking* de justiça socioambiental orientadas pelos princípios da Aliança GAGGA”.

Além disso, o volume total de recursos mobilizados (tanto em euros quanto em reais) revela o desenvolvimento, **pelo Fundo Casa, de estratégias diversificadas para alcançar outras fontes de financiamento.**

Ao mesmo tempo, o olhar sobre os fluxos de recursos permite entender a sustentabilidade das ações desenvolvidas no contexto do Programa GAGGA e como determinados modelos de financiamento — como os apoios coordenados — operam como tecnologias sociais voltadas para o fortalecimento das organizações de base comunitária lideradas por mulheres e/ou que atuam no campo socioambiental, tensionando lógicas convencionais de financiamento (da filantropia tradicional e da cooperação internacional), fortalecendo modelos mais horizontais, enraizados e comprometidos com as organizações de base comunitária e com as agendas de justiça socioambiental e de gênero.

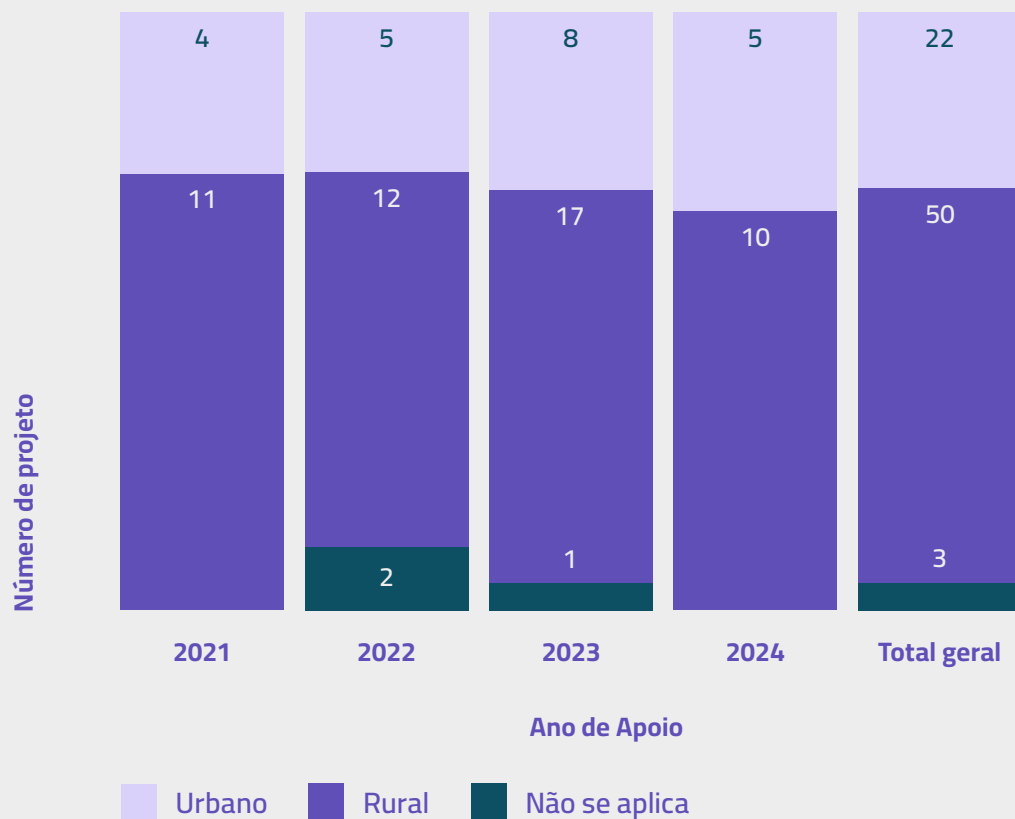
Territórios, regiões geográficas e biomas alcançados a partir dos apoios realizados pelo Fundo Casa Socioambiental

A análise dos territórios apoiados no contexto do Programa GAGGA, isto é, os locais onde atuam os grupos/públicos/organizações que receberam as doações, evidencia a presença de uma estratégia de *grantmaking* guiada pelo princípio de diversidade, com atenção especial àquelas regiões geográficas e setores da população normalmente negligenciados no que diz respeito ao acesso a recursos financeiros e a direitos.

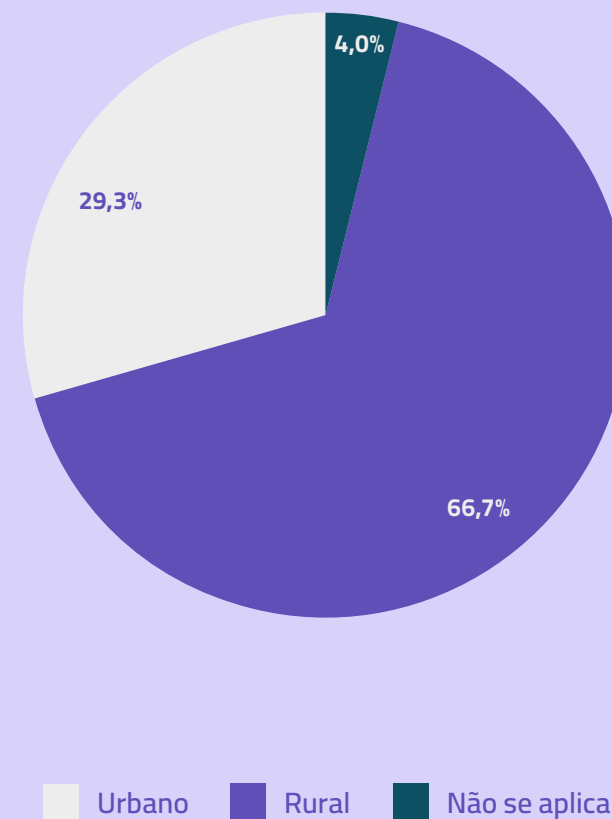
A partir da análise realizada, é possível afirmar que o Fundo Casa Socioambiental conseguiu alcançar os resultados definidos no contexto da Aliança, assegurando que os recursos chegassem a territórios e coletivos diversos: mulheres indígenas, quilombolas, agricultoras, juventudes, dissidências de gênero e periferias urbanas.

Os gráficos a seguir evidenciam que a maioria dos apoios ocorreu em **áreas rurais, as quais concentraram 67% dos projetos apoiados** entre os anos de 2021 e 2024, reafirmando o compromisso de doação voltada para povos e comunidades tradicionais, agricultores/as familiares, quilombolas, ribeirinhos/as e indígenas. Entretanto, também houve uma expansão consistente das doações para os **territórios urbanos**, que chegou a **29% dos projetos**, sobretudo em periferias metropolitanas, onde a luta climática se conecta ao direito à cidade por meio de agendas de moradia, saneamento, mobilidade e justiça alimentar.

Gráfico 1 – Área de atuação dos projetos apoiados



Área de Atuação dos Projetos apoiados entre 2021-2024



Do ponto de vista das regiões geográficas, o **Nordeste concentrou 48% dos apoios**, consolidando-se como principal território de atuação, seguido pelo **Norte, com 24%**, e pelo **Sudeste, com 18%**. Essas três regiões foram prioritárias, enquanto Centro-Oeste e Sul tiveram participação mais periférica. Essa distribuição territorial demonstra uma estratégia orientada para o fortalecimento de regiões historicamente vulnerabilizadas, mas que também incorporou experiências urbanas e metropolitanas fundamentais para conectar a agenda climática às desigualdades sociais existentes.

Região geográfica de Atuação dos Projetos apoiados

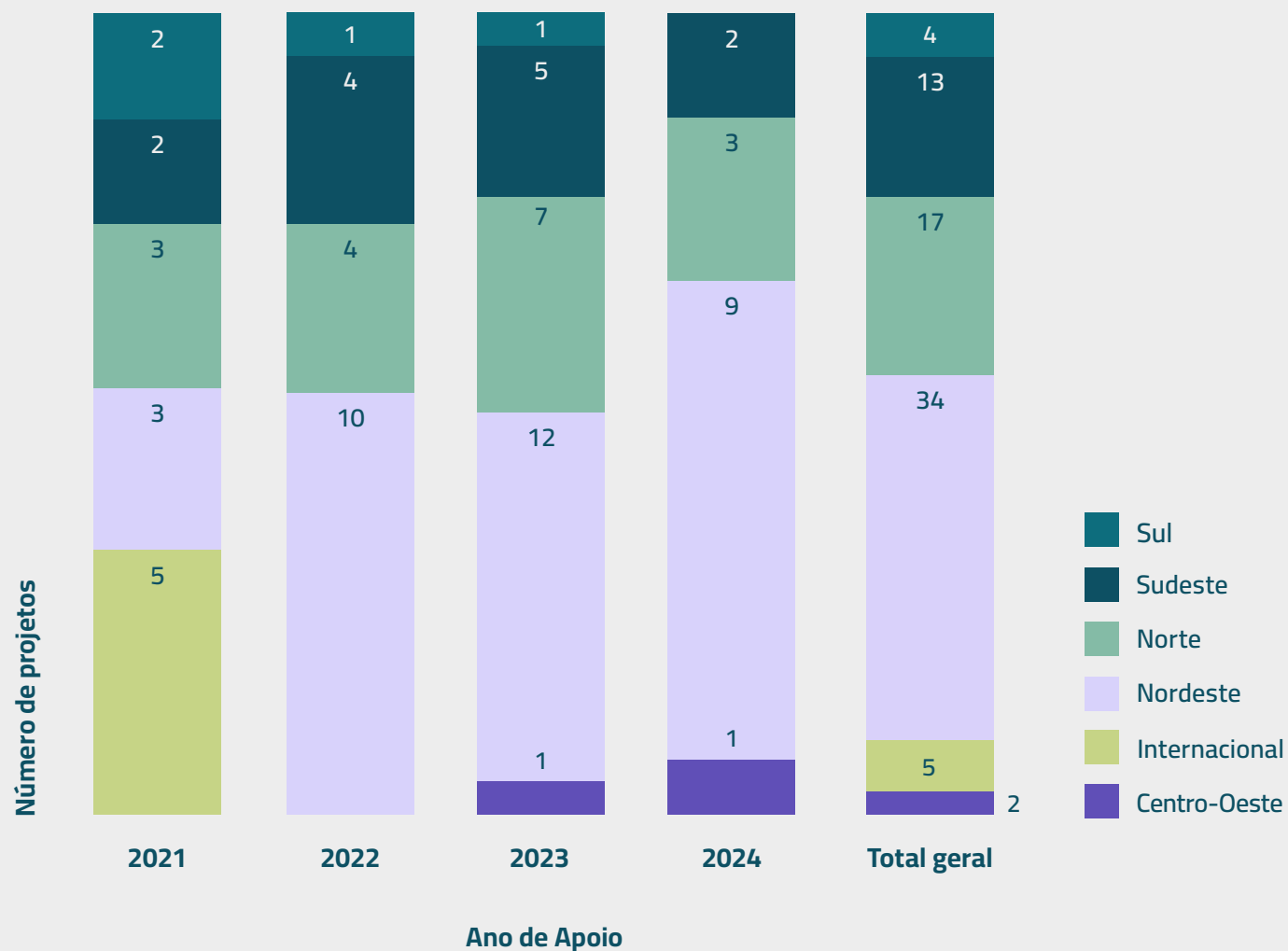
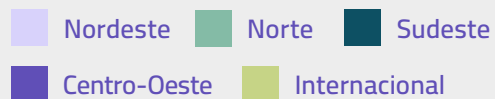
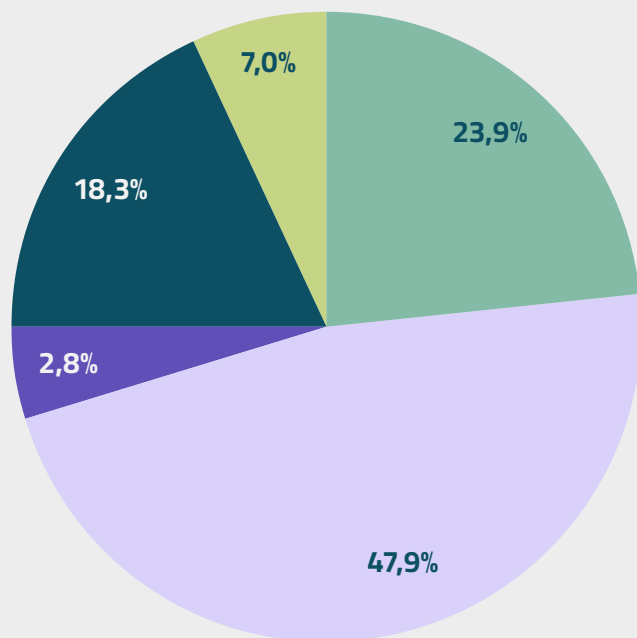


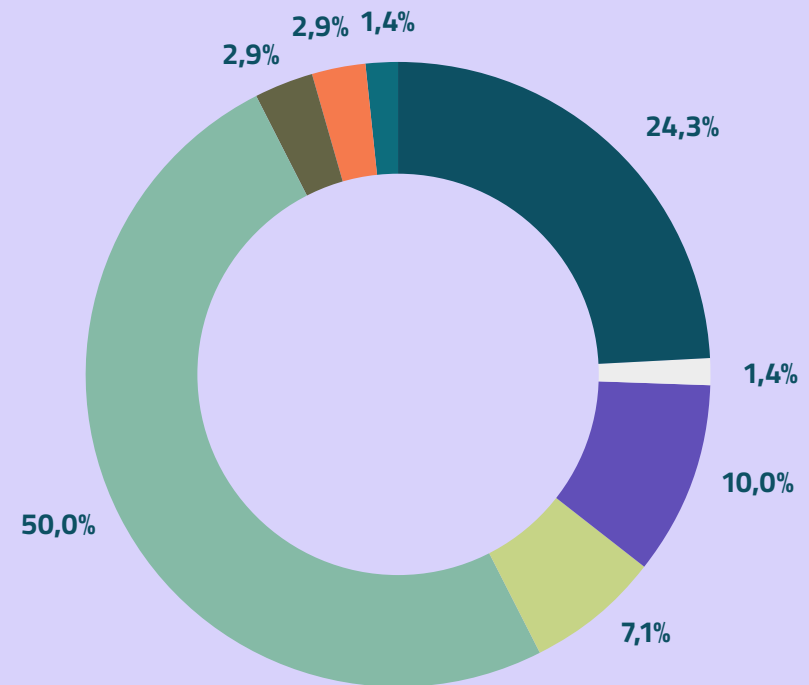
Gráfico 2 – Regiões geográficas de atuação dos projetos apoiados

REGIÃO GEOGRÁFICA DE ATUAÇÃO DOS PROJETOS APOIADOS ENTRE 2021-2024

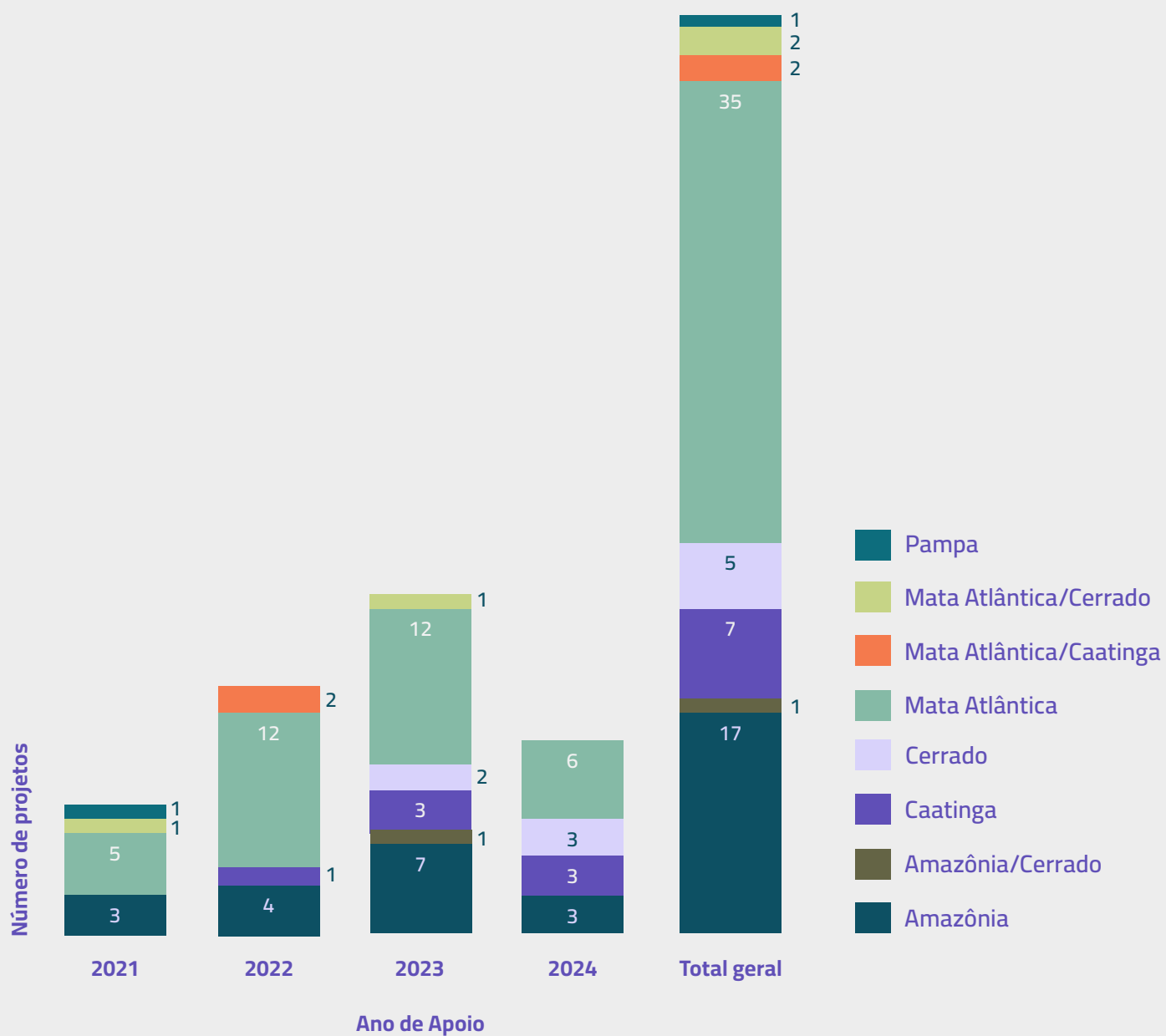


No recorte por **biomas**, os gráficos a seguir apontam que a **Mata Atlântica concentrou 50% dos apoios**, refletindo tanto sua importância socioambiental quanto a intensidade dos conflitos fundiários e urbanos que atravessam esses territórios. Por sua vez, a **Amazônia** foi a região que abrigou **24% das iniciativas**, com crescimento relevante em 2023, reforçando a atenção à emergência ambiental e climática que atravessa esse bioma. Além disso, observou-se expansão nos apoios à **Caatinga (10%)** e ao **Cerrado (7%)**, que, embora menos visíveis, ganharam reconhecimento como territórios fundamentais para a justiça climática e ambiental.

BIOMAS DE ATUAÇÃO DOS PROJETOS APOIADOS PARA O PERÍODO 2021-2024



**Gráfico 3 - Biomass
de Atuação dos
Projetos Apoiados
para o período
2021-2024**



Impactos das obras de infraestrutura nos territórios de atuação das organizações e coletivos apoiados

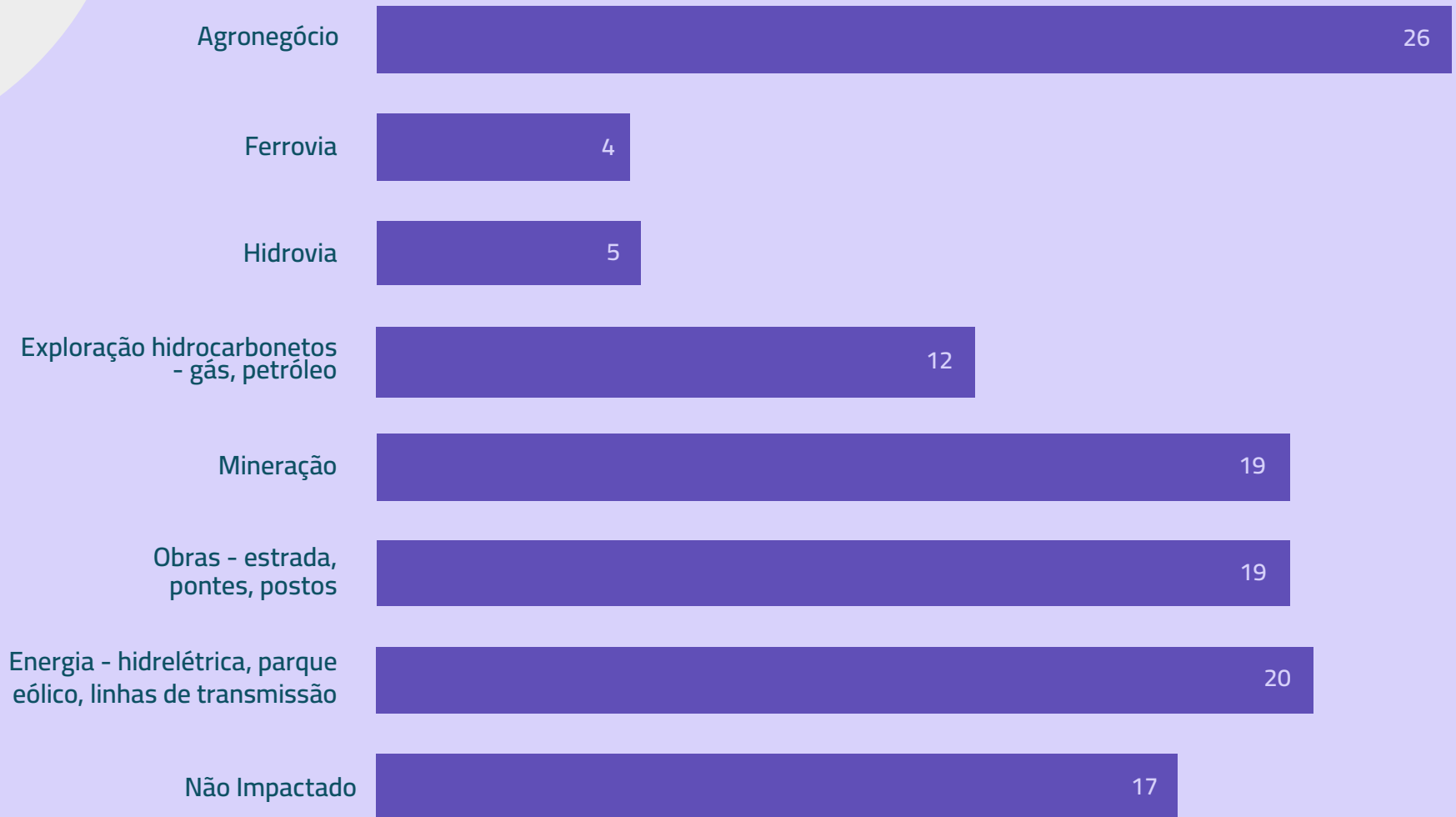
A análise dos **impactos das obras de infraestrutura nos territórios de atuação das organizações e coletivos apoiados** (Gráfico 4) revela a presença de uma estratégia voltada ao fortalecimento de instituições e coletivos da sociedade civil para o enfrentamento de conflitos perante o avanço de iniciativas de desenvolvimento econômico que negligenciam as dinâmicas comunitárias, necessidades e conhecimentos das populações locais.

Setores como o agronegócio, energético e as grandes obras de transporte têm se configurado como os principais vetores de pressão sobre os territórios de atuação das iniciativas apoiadas.

O agronegócio aparece como o impacto mais recorrente, sobretudo nos primeiros anos, embora tenha perdido força em 2024, sugerindo tanto uma mudança no perfil dos territórios apoiados quanto uma redução localizada de sua presença direta. Já os projetos ligados ao setor energético — em especial hidrelétricas, parques eólicos e linhas de transmissão — mantiveram-se constantes ao longo de todo o período, revelando a persistência de conflitos que atingem comunidades tradicionais e coletivos locais. As obras de infraestrutura viária e logística, como estradas, portos e pontes, também se destacaram, com forte incidência em 2023, antes de uma queda no ano seguinte, em geral associada à expansão urbana e agrária. Mineração e exploração de hidrocarbonetos, ainda que menos frequentes, permaneceram como ameaças relevantes à integridade ambiental e cultural dos territórios, reforçando a diversidade de pressões enfrentadas pelas comunidades.

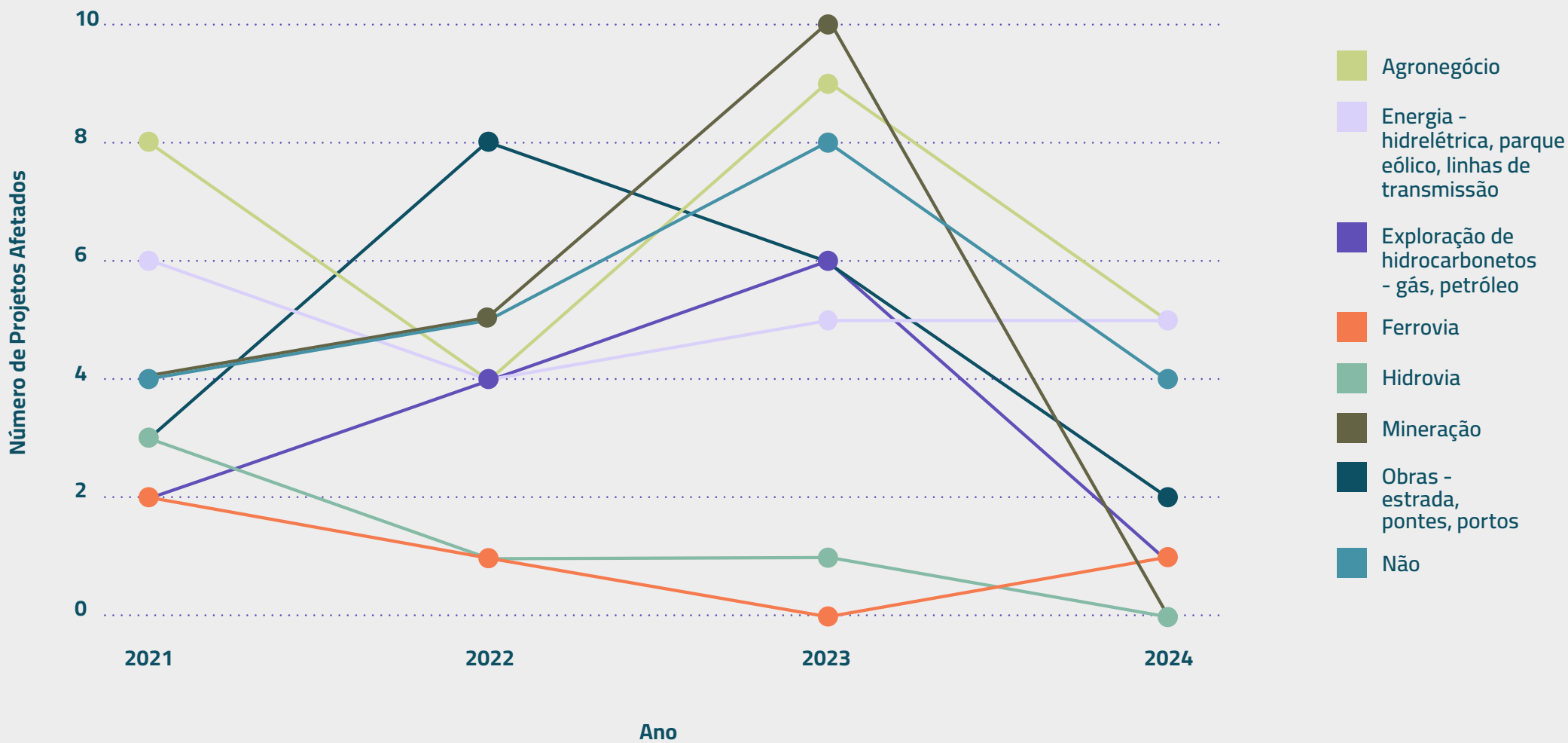
A partir das informações apresentadas, é possível afirmar que as **instituições e coletivos apoiados pelo Fundo Casa operam em territórios fortemente tensionados pela presença de infraestruturas que afetam diretamente a sua atuação**, especialmente ligadas ao agronegócio e à matriz energética. Mesmo com variações anuais, essas formas de pressão se mantêm como **componentes estruturantes dos desafios enfrentados pelas comunidades apoiadas**. A presença contínua — ainda que menor — de impactos da mineração e de obras viárias reforça a urgência de estratégias de resistência territorial articuladas com a justiça climática, o direito à consulta prévia e a soberania das populações locais.

Gráfico 4 – Impactos das obras de infraestrutura nos projetos apoiados



Número de Vezes que aparece entre 2021-2024

Impactos das obras de infraestrutura nos projetos apoiados para o período 2021-2024



Parcerias estratégicas no contexto do Programa GAGGA: o Fundo Positivo e o apoio às mulheres trans e travestis atuando no âmbito da justiça climática

A iniciativa “TRANSformando a crise climática de territórios em contexto de transfobia ambiental” foi uma parceria estratégica entre o Fundo Casa Socioambiental e o Fundo Positivo no âmbito do Programa GAGGA que possibilitou avanços significativos na construção da interseção da agenda de clima com a de gênero, com foco em populações trans/travesti.

A **transfobia ambiental** foi o eixo central da parceria entre os fundos. Para o Fundo Positivo, e de acordo com a entrevista realizada, essa aliança representou um salto qualitativo na organização, já que teve desdobramentos e impactos significativos na construção dessa agenda, ampliando o escopo da sua atuação. Na visão da representante do Positivo, o ponto de partida foi refletir como as mudanças de clima impactam e afetam os corpos no contexto da subalternidade.

“A população Trans é negligenciada das políticas públicas e dos programas sociais em geral, entretanto é a primeira a ser impactada e a última a ser atendida. As mulheres trans enfrentam altos índices de violência no país, exclusão dos programas sociais, dos serviços de saúde, de educação e assistência, mas sobretudo na área de habitação”. (Pessoa entrevistada do Fundo Positivo).

De acordo com os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022), a população Trans encontra barreiras no mercado de trabalho formal, chegando a altas taxas de trabalho precarizado, com 90% de sua população envolvida na prostituição e vivendo abaixo da linha da pobreza. A ANTRA também destaca que se trata de um grupo que normalmente reside em áreas com maior risco de desastres ambientais, por causa de chuvas, enchentes, elevação dos mares, deslizamento de terras, ondas de calor e frio, entre outros. Em sua maioria, essa população vive em situação de rua, o que a coloca na linha de frente dos impactos ambientais.

No contexto dessa parceria, o Fundo Positivo recebeu um repasse de recursos do Fundo Casa para apoiar quatro organizações lideradas exclusivamente por mulheres trans e travestis³ e que atuam no campo da defesa dos direitos humanos, sobretudo com foco em justiça climática e territorial e que incidem politicamente nas três esferas do poder.

No contexto dos projetos apoiados pelo Fundo Positivo, foram realizadas diversas atividades: formações junto a lideranças, com a finalidade de promover ações de incidência política para garantir o acesso de mulheres transexuais e travestis aos programas habitacionais do governo; mapeamento de dados sobre essa população; ações no campo da agroecologia, como a produção de hortas urbanas, renováveis e de baixo custo; debates junto a universidade e coletivos para promover discussões amplas; oficinas de arte com materiais sustentáveis e recicláveis; e ações de *advocacy* junto às esferas do poder, entre outras. Também é importante destacar a produção de diversos materiais educativos (cartilhas, dossiês, cards e vídeos), a realização de pesquisas, análises e produção de dados sobre a segregação socioespacial, isto é, sobre temas como acesso a água potável, saneamento básico, risco ambiental e habitacional, vivência em situação de rua, coleta seletiva de lixo e estudos que buscam sistematizar os saberes advindos do próprio grupo e que contribuem para enfrentar a crise climática.

³ Associação Grupo Orgulho, Liberdade e Dignidade – GOLD (Espírito Santo, região sudeste). Projeto: “Transfobia Ambiental no Espírito Santo: vivências, políticas e pesquisas”; Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros do Estado de Roraima – ATERR (Roraima, região Norte). Projeto: “Justiça Climática para Travestis e Transexuais em Roraima”; Associação de Transgêneros de Guaíba – Igualdade Guaíba (Rio Grande do Sul, região Sul). Projeto: “Os Impactos da Crise climática vividos pelas travestis e transexuais na Costa Doce”; Grupo Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero (Pernambuco, região nordeste). Projeto “TRANS PELO CLIMA: Justiça Climática também é direito das mulheres trans e travestis”.



Foto: Todos Juntos Ninguém Sozinho



Foto: AFAQUITEL

Para contribuir com o fortalecimento de capacidades das organizações apoiadas pelo Fundo Positivo sobre a temática de justiça climática, foi realizado um evento (em junho de 2023) coordenado pela Gestos (instituição parceira) com a temática: “Trans pelo Clima: justiça climática também é direito das mulheres trans e travestis”. O evento foi aberto ao público geral e teve como foco o diálogo e a construção de saberes e estratégias sobre a justiça climática. Por sua vez, com vistas a fortalecer o debate público nacional, o Fundo Positivo, no mês da visibilidade trans no Brasil, promoveu um webinar (em janeiro de 2024) sobre o impacto da justiça climática e da transfobia ambiental sobre os corpos dissidentes de mulheres transexuais e travestis, refletindo sobre princípios e diretrizes para mitigar os impactos da mudanças climáticas.

Outro eixo relevante de atuação foi o fortalecimento das organizações trans para participação em conselhos de políticas públicas, fóruns e redes, que teve como foco temático a garantia dos direitos humanos, a defesa da promoção dos direitos individuais e coletivos, principalmente no que diz respeito aos efeitos da crise climática.

A promoção de ações de incidência foi um eixo central desta parceria que inicialmente começou a nível local — nos territórios, comunidades, população em situação de rua, pessoas encarceradas etc. —, mas que posteriormente viu a questão da transfobia ambiental ganhar o debate público a partir de formações e ações de disseminação do conceito. O envolvimento de universidades foi estratégico para a produção de pesquisas (levantamentos) e de conhecimentos. Nesse contexto, foi produzido um e-book, resultado expressivo desta iniciativa.

De acordo com entrevista realizada com o Positivo, houve uma ampliação do escopo dessa agenda e uma mudança positiva voltada ao alcance de um protagonismo na promoção dos debates sobre interseccionalidade entre gênero e clima, o que, ao mesmo tempo, implicou a chegada de novos financiadores: “*GAGGA foi um salto significativo na atuação do Positivo*”. A apropriação do conceito de transfobia ambiental por parte de diversos atores, as ações de incidência junto ao poder público e a inclusão da pauta ambiental como eixo estratégico — que não era central para o Fundo Positivo até esse momento — são resultados relevantes dessa parceria em termos de aprendizados e crescimento do protagonismo nessa agenda.

Linha do tempo 2021–2024: número
de apoios e recursos doados por ano

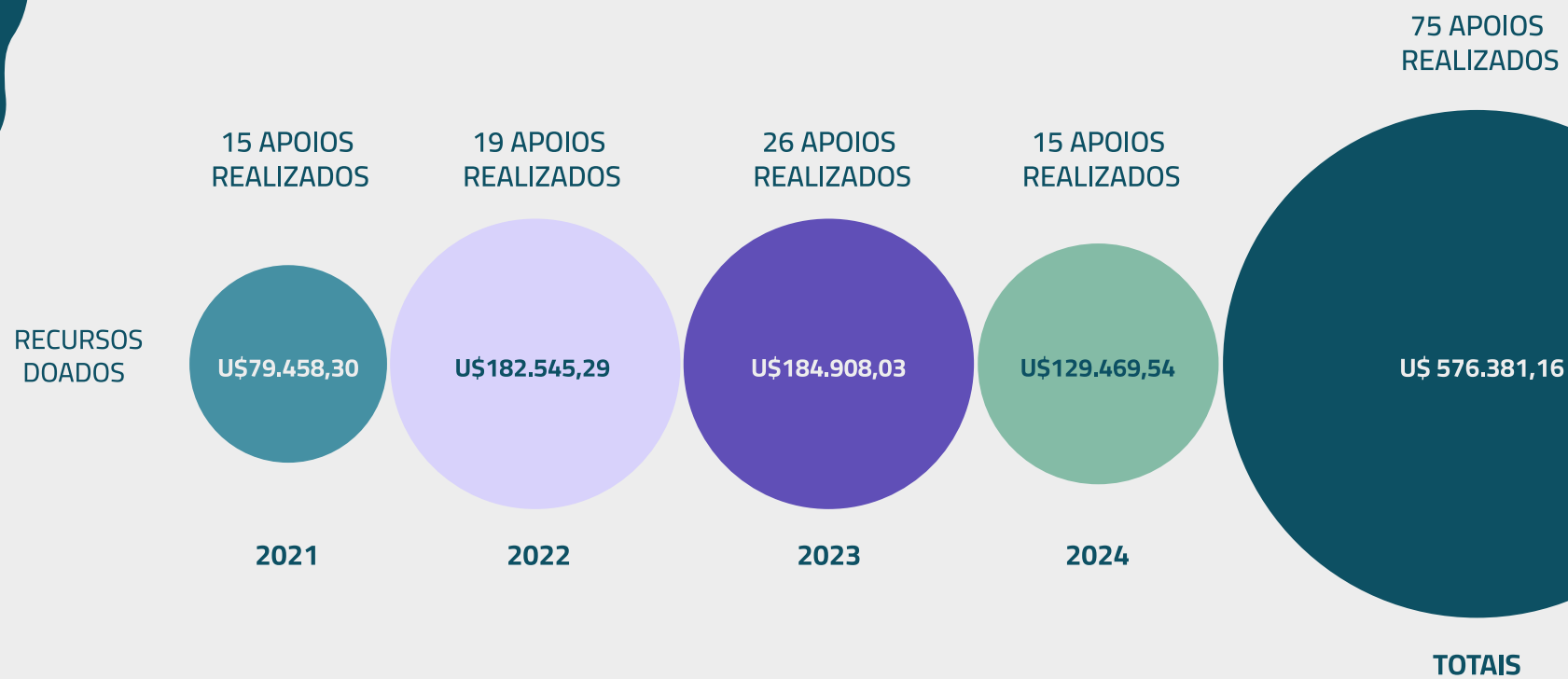




Foto: Espaço Gaia - Oficinas de agroecologia

4. PERFIL DAS ORGANIZAÇÕES APOIADAS PELO FUNDO CASA SOCIOAMBIENTAL ENTRE OS ANOS 2021–2024

Analisar o perfil das organizações apoiadas ao longo do período é fundamental para compreender não apenas as características e tendências da estratégia de apoio do Fundo Casa Socioambiental, mas também para compreender o alcance político da Aliança e do Programa GAGGA, assim como a sua contribuição para a construção de uma filantropia feminista, socioambiental, comunitária e decolonial⁴.

Organizações e coletivos formalizados e não formalizados

A análise sobre o perfil das organizações formalizadas (com CNPJ/Registro) e não formalizadas (sem CNPJ) apoiadas no contexto do Programa GAGGA é relevante para compreender a diversidade e a flexibilidade das estratégias de *grantmaking* adotadas pelo Fundo Casa Socioambiental.

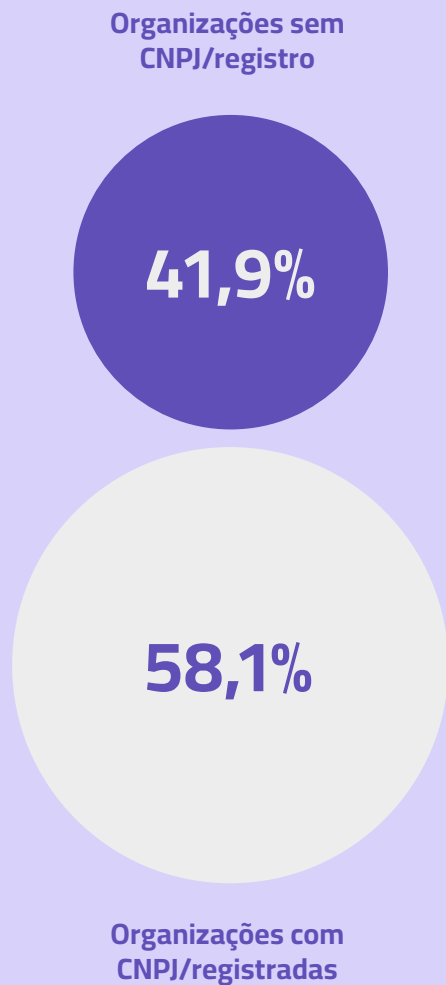
A partir das informações produzidas (ver gráficos abaixo) é possível observar que a presença de coletivos informais apoiados foi significativa em todos os anos. Isso sinaliza uma **estratégia contínua voltada para a valorização de movimentos e iniciativas de base comunitária**, inclusive os recém-criados ou com uma curta trajetória de atuação.

Entretanto, também houve um crescimento de apoios a **organizações formalizadas** (principalmente nos anos de 2022 e 2023), indicando que a estratégia de apoio do Fundo Casa foi de fortalecer organizações institucionalizadas, com maior capacidade de gestão.

⁴ O termo decolonial refere-se a uma perspectiva crítica que busca desnaturalizar os efeitos persistentes da colonização nas formas de conhecimento, poder e existência. Para Aníbal Quijano (2000), trata-se de questionar a colonialidade do poder — um padrão de dominação que continua operando mesmo após o fim formal do colonialismo, sustentando a supremacia eurocentrada e a subordinação de saberes e modos de vida não ocidentais.

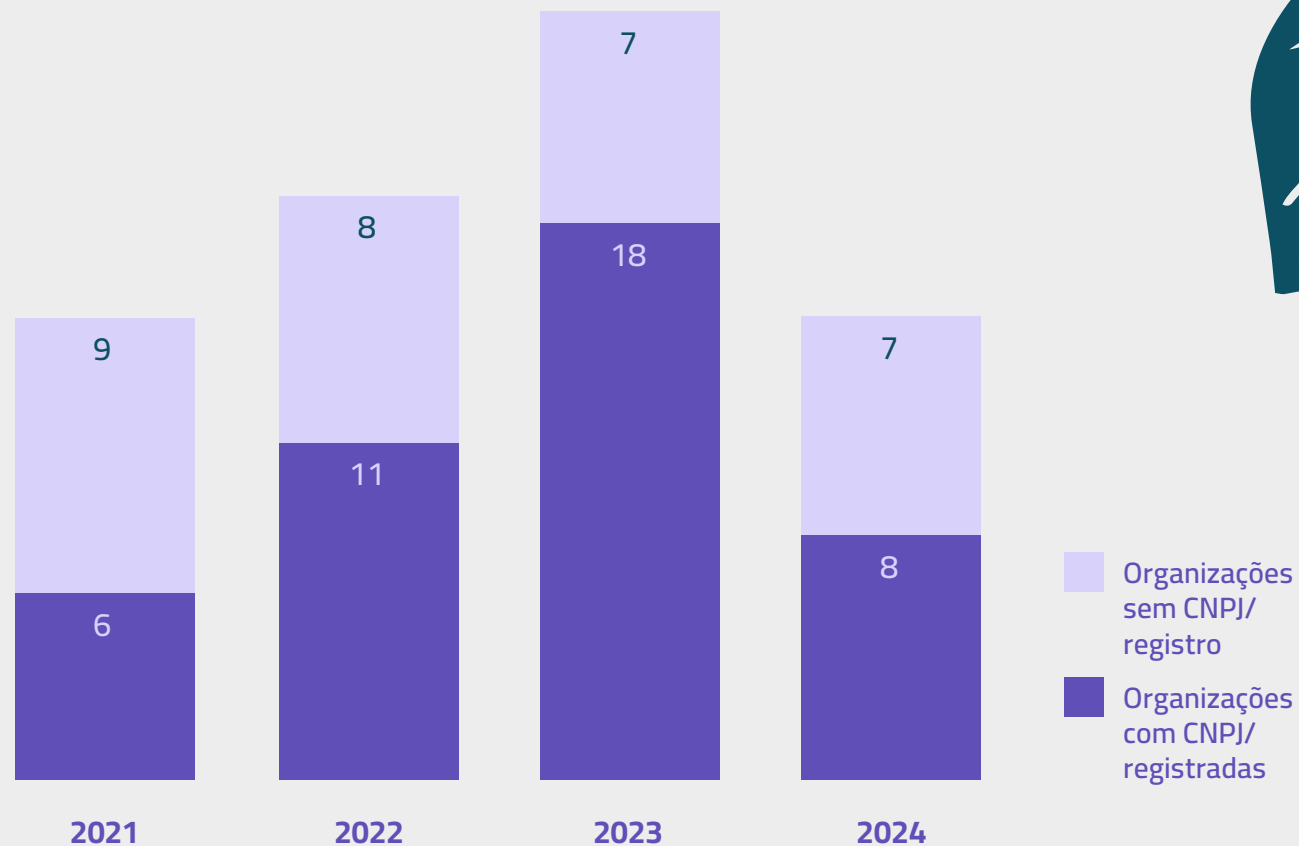


Organizações/coletivos
formalizados e não formalizados
apoiados ao longo do período
2021-2024



No agregado do período, **58% das organizações apoiadas eram formalizadas, enquanto 42% eram informais**, o que revela a presença de uma estratégia diversificada de *grantmaking* e indica que o Fundo Casa operou com **base em critérios flexíveis**, capazes de fortalecer tanto organizações estabelecidas quanto coletivos informais ou emergentes.

Gráfico 5 - Organizações/coletivos formalizados e não formalizados apoiados ao longo do período 2021-2024



Abrangência de atuação das organizações e coletivos apoiados

A análise da abrangência das organizações e coletivos apoiados entre os anos de 2021 e 2024 mostra que a maior parte delas atua em nível **local e comunitário**, com forte presença em territórios específicos como aldeias indígenas, comunidades rurais, quilombolas e periferias urbanas. Essa ênfase no nível local reflete o compromisso do Fundo Casa com processos de transformação enraizados nos territórios e orientados pelos saberes das próprias comunidades.

Ao mesmo tempo, observa-se a presença e o fortalecimento de iniciativas que operam em escalas **regionais, nacionais e internacionais**, ampliando sua capacidade de incidência política e articulando experiências locais em redes mais amplas de defesa socioambiental e de gênero. Essa combinação de escalas — do local ao internacional — demonstra que os apoios não apenas fortalecem grupos de base, mas também criam condições para que suas vozes sejam ouvidas em espaços estratégicos de decisão. Esse dado reafirma que a estratégia de *grantmaking* do Fundo Casa valoriza tanto organizações de base quanto aquelas que conseguem conectar agendas locais a arenas mais amplas, promovendo conexões interterritoriais e ampliando o impacto das lutas comunitárias.

Abrangência de atuação das organizações apoiadas

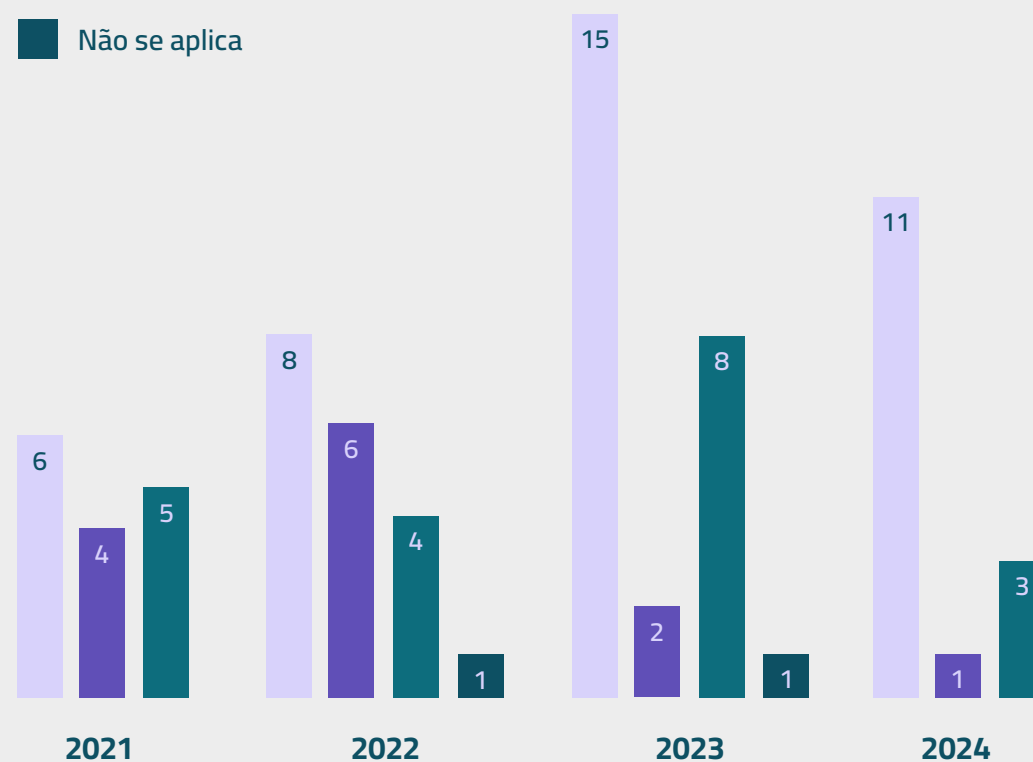
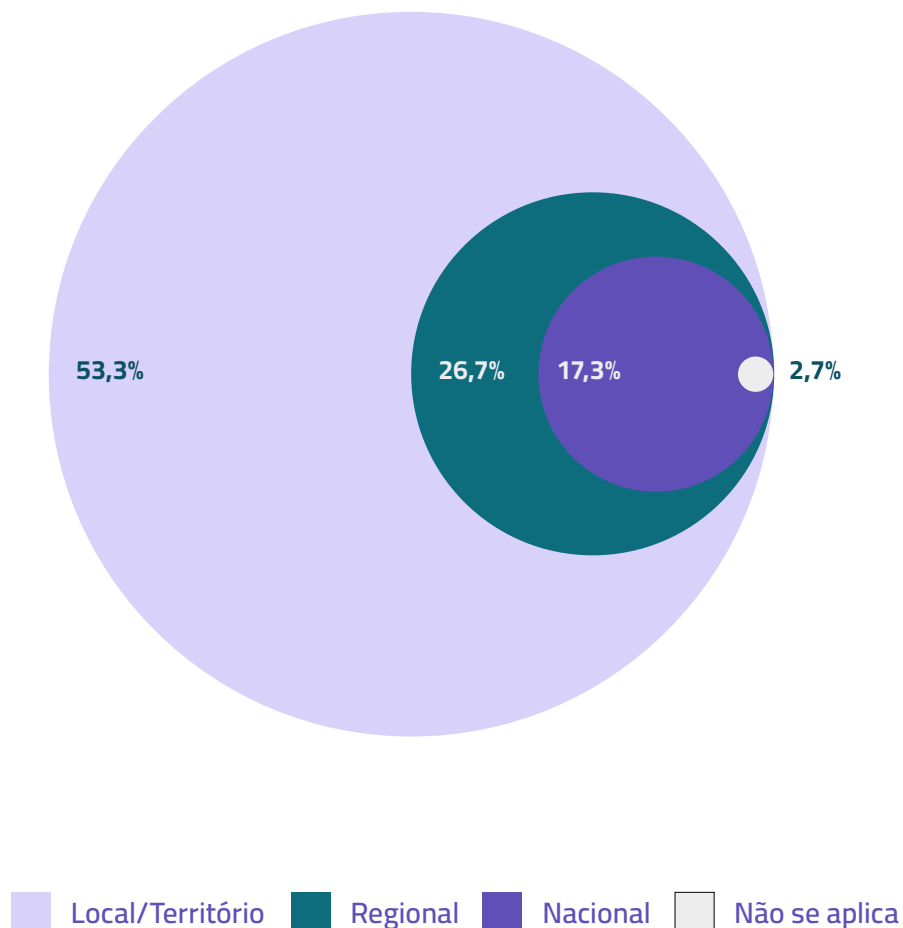


Gráfico 6 - Abrangência de atuação das organizações apoiadas



Tamanho das equipes e orçamentos das organizações e coletivos apoiados

O perfil das organizações apoiadas pelo Fundo Casa no âmbito do Programa GAGGA evidencia uma diversidade significativa, tanto no tamanho das equipes quanto nos orçamentos dessas organizações. Certamente, analisar estas variáveis é fundamental aos fins da avaliação porque indica o foco prioritário de doação em organizações e coletivos de médio e pequeno porte (ver Gráficos 7 e 8).

No que se refere às equipes, **predominam organizações/coletivos pequenos**, compostos por poucos integrantes que sustentam suas ações, sobretudo a partir da mobilização comunitária e das redes locais de solidariedade. Em seguida, aparecem as organizações de médio porte, que contam com maior capacidade institucional, mas ainda operam sob restrições orçamentárias. Em menor número estão as organizações grandes, com equipes mais numerosas e maior capacidade de planejamento e execução de ações de longo prazo.



Foto: ASPAKNO - Aquisição de um kits de Placa Solar a ser instalado no Shubuã

Quanto aos orçamentos, **prevalecem organizações/coletivos com orçamentos pequenos**, geralmente dependentes de aportes pontuais, trabalho voluntário e criatividade comunitária. Em menor proporção surgem organizações com orçamentos intermediários e, em menor número ainda, aquelas com recursos mais robustos, capazes de contar com equipes fixas, ampliar o alcance de suas ações e fortalecer sua incidência política em diferentes escalas. Essa diversidade reforça a importância de estratégias de financiamento flexíveis, aptas a responder tanto às necessidades mais básicas de continuidade de pequenos coletivos, quanto aos processos de consolidação institucional de organizações mais sólidas no que diz respeito à trajetória de atuação e capacidade de gestão.

O cruzamento dessas duas dimensões mostra que as organizações com equipes pequenas, em geral, também dispõem de orçamentos reduzidos, refletindo a precariedade estrutural que marca a atuação de muitos coletivos de base.

Já as organizações com equipes maiores e orçamentos mais robustos ilustram a relevância de aportes que permitam estruturar iniciativas e sustentar ações de impacto ampliado. Entre esses dois extremos, situam-se combinações intermediárias, como equipes médias e orçamentos médios, revelando a complexidade do campo e a necessidade de apoios adaptados a diferentes realidades.

Em suma, a partir da análise realizada é possível observar que a estratégia de *grantmaking* desenvolvida pelo Fundo Casa no contexto do Programa equilibra o apoio à inovação comunitária de base — frequentemente protagonizada por pequenos coletivos, com equipes pequenas — com o fortalecimento de organizações maiores e mais estruturadas, consolidando um ecossistema plural e interdependente na defesa da justiça socioambiental e climática.

Gráfico 7 - Orçamento das organizações apoiadas

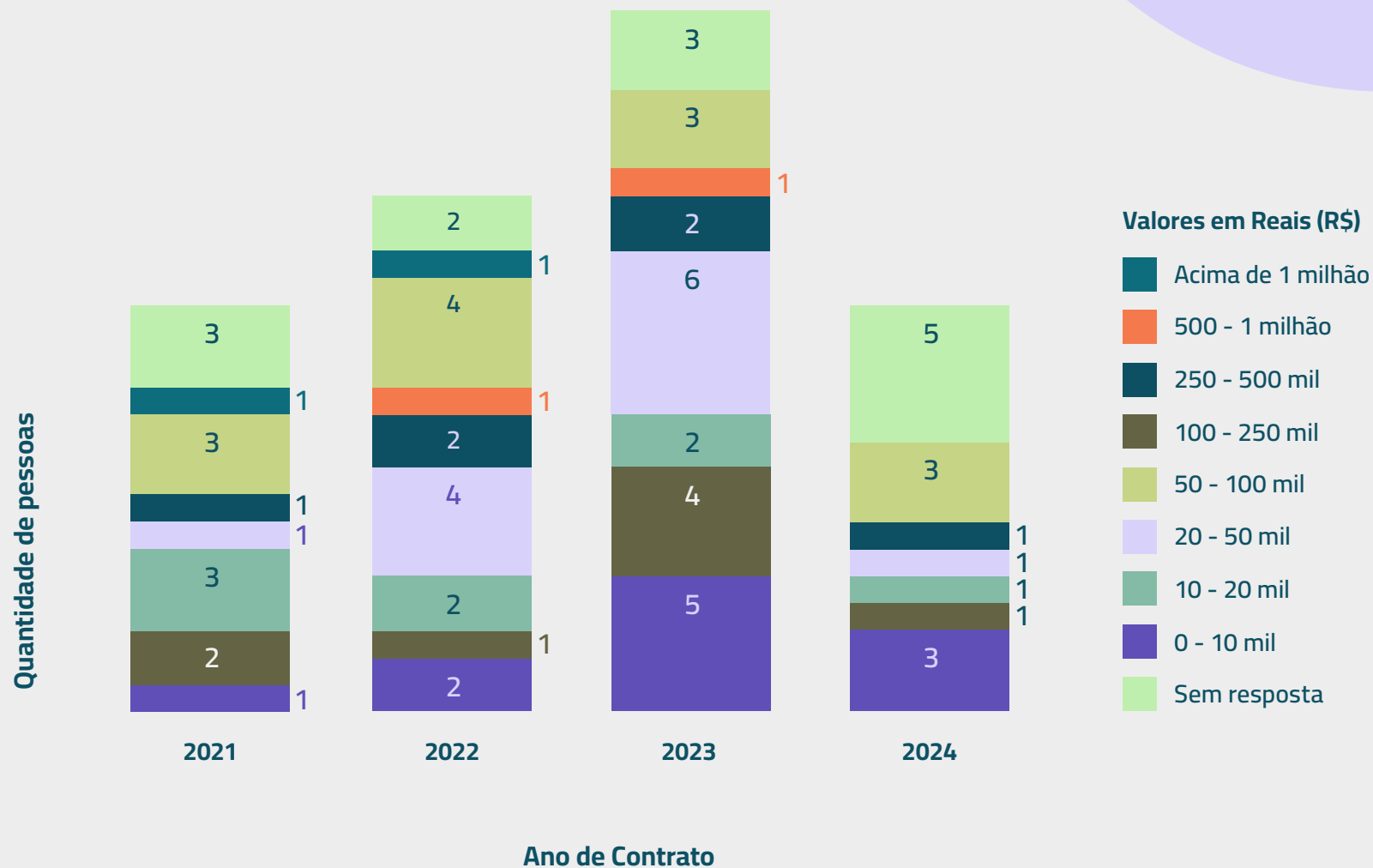
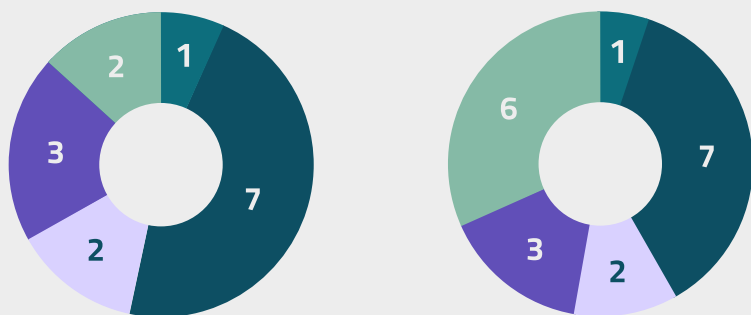
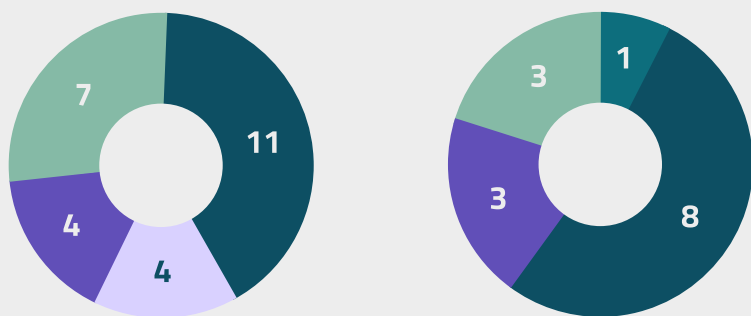


Gráfico 8 - Tamanho das equipes das organizações em número de pessoas



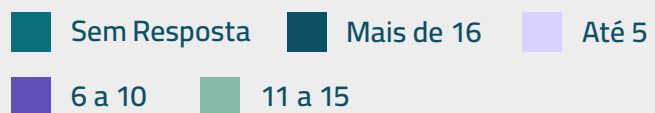
2021

2022

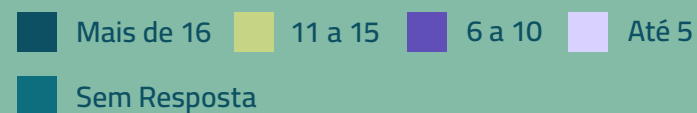
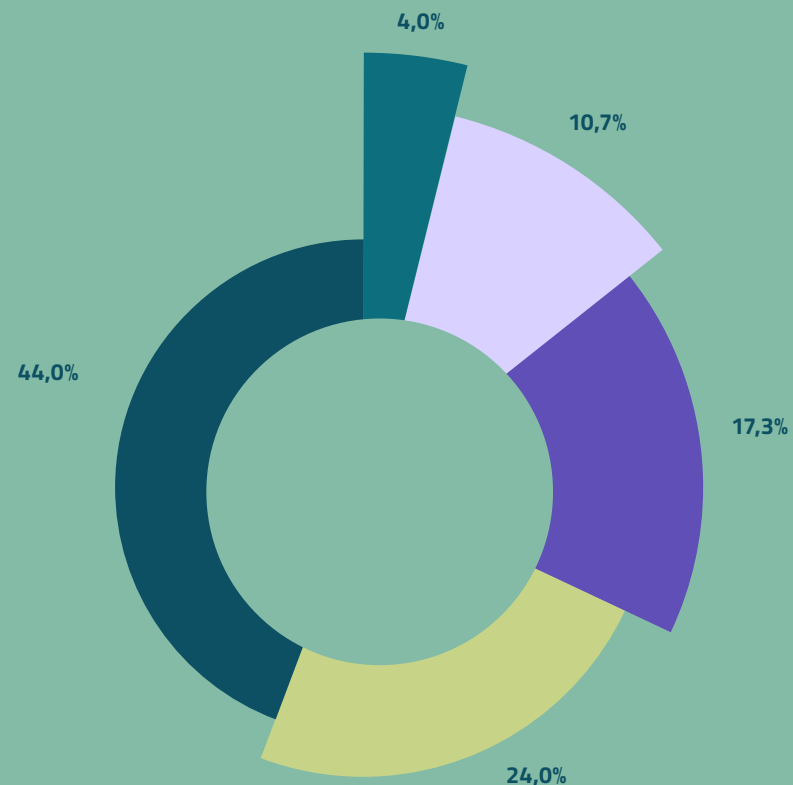


2023

2024



Tamanho das equipes das organizações apoiadas



Diversidade de públicos envolvidos nas organizações e coletivos apoiados

Os públicos das organizações e coletivos apoiados formam um **mosaico diverso de sujeitos políticos contemplados pelo Programa**, de acordo com os princípios que orientam a atuação da Aliança GAGGA. Quilombolas e comunidades afrodescendentes representaram 17% do universo, enquanto indígenas, ribeirinhos, pescadores artesanais e agricultores familiares corresponderam a cerca de 12% cada.

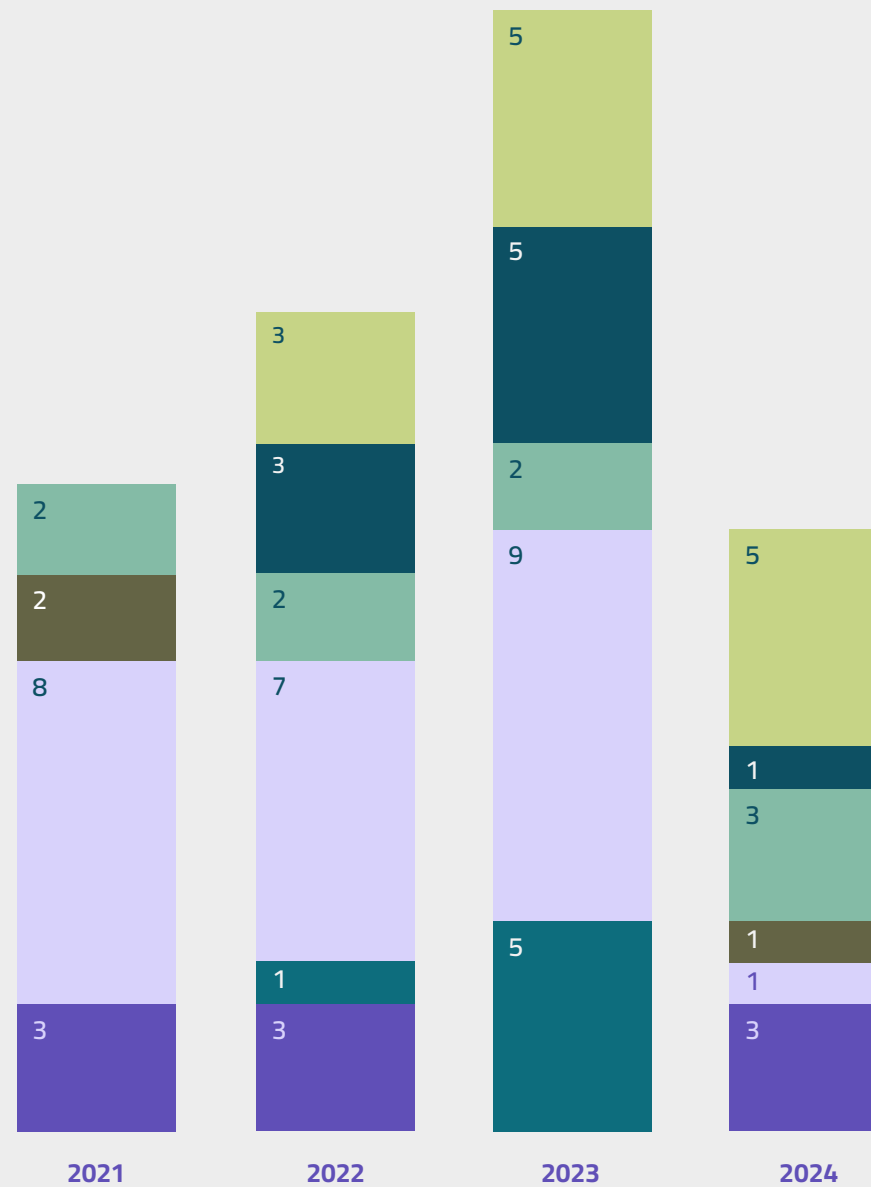
Além disso, verificou-se a presença crescente de coletivos urbanos periféricos e de organizações de dissidências de gênero, especialmente a partir de 2023, quando se observa o auge da pluralidade de públicos alcançados. Esse quadro mostra que no contexto do Fundo Casa, GAGGA se consolidou como um programa capaz de ampliar vozes historicamente marginalizadas e de articular sujeitos políticos distintos em torno das agendas de justiça climática e feminista.



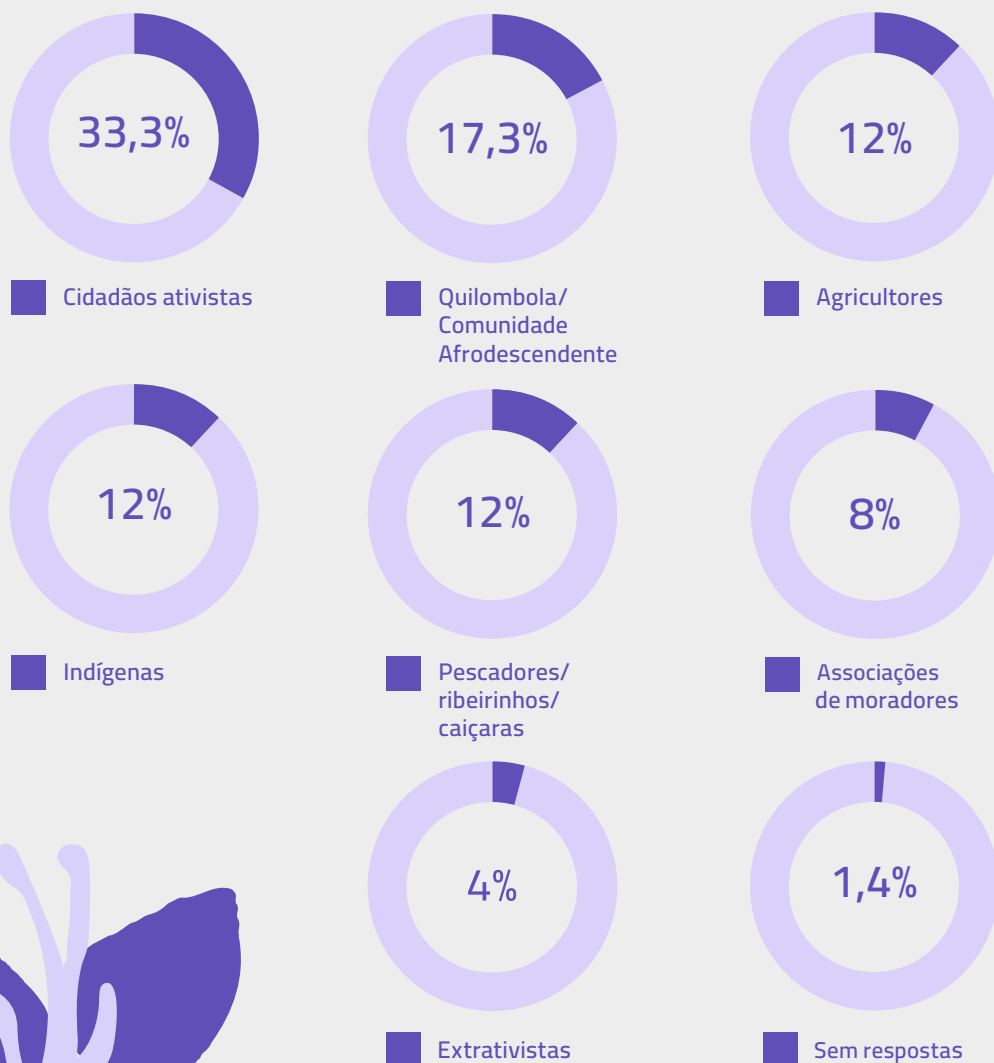
Foto: Espaço Gaia

Gráfico 9 - Perfil de público das organizações apoiadas

- Quilombola/Comunidade Afrodescendente
- Pescadores/ribeirinhos/caiçaras
- Indígenas
- Extrativistas
- Cidadãos ativistas
- Associação de moradores
- Agricultores



Perfil de públicos envolvidos nas organizações apoiadas entre 2021-2024



Participação das mulheres nas organizações e coletivos apoiados

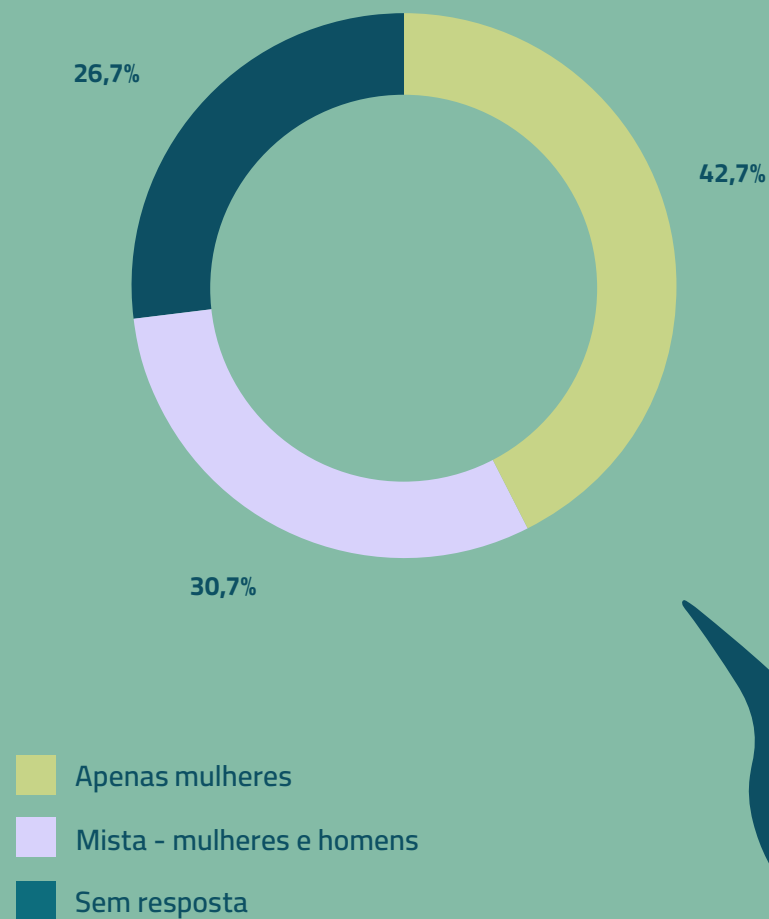
No período analisado, as mulheres foram protagonistas na coordenação política e comunitária dos projetos que receberam doações. Observa-se que a maioria das organizações/coletivos contou com estruturas de coordenação predominantemente de mulheres, consolidando uma tendência contínua de protagonismo feminino nos espaços decisórios. Essa ênfase foi ainda mais reforçada pelo crescimento de organizações lideradas exclusivamente por mulheres, em paralelo à redução progressiva de organizações com liderança mista.

Esse movimento demonstra que a estratégia de apoio do Fundo Casa Socioambiental no contexto do Programa GAGGA não apenas fortaleceu coletivos e comunidades, mas também colocou as mulheres em posição de destaque na formulação de soluções climáticas e socioambientais. Ao priorizar projetos coordenados por mulheres — muitas vezes defensoras de territórios e vozes invisibilizadas em outros contextos —, o Fundo Casa reafirmou seu compromisso político com uma prática feminista de *grantmaking*. Nesse sentido, a presença de lideranças femininas nas organizações apoiadas vai além de uma estatística: trata-se de um indicador da reconfiguração das dinâmicas de poder e fortalece trajetórias de transformação ancoradas na perspectiva das mulheres e de suas comunidades.

Gráfico 10 - Organizações apoiadas lideradas por mulheres e/ou mistas



Organizações apoiadas lideradas por mulheres e/ou mistas entre 2021-2024



Articulações, parcerias e incidência política nas organizações e coletivos apoiados

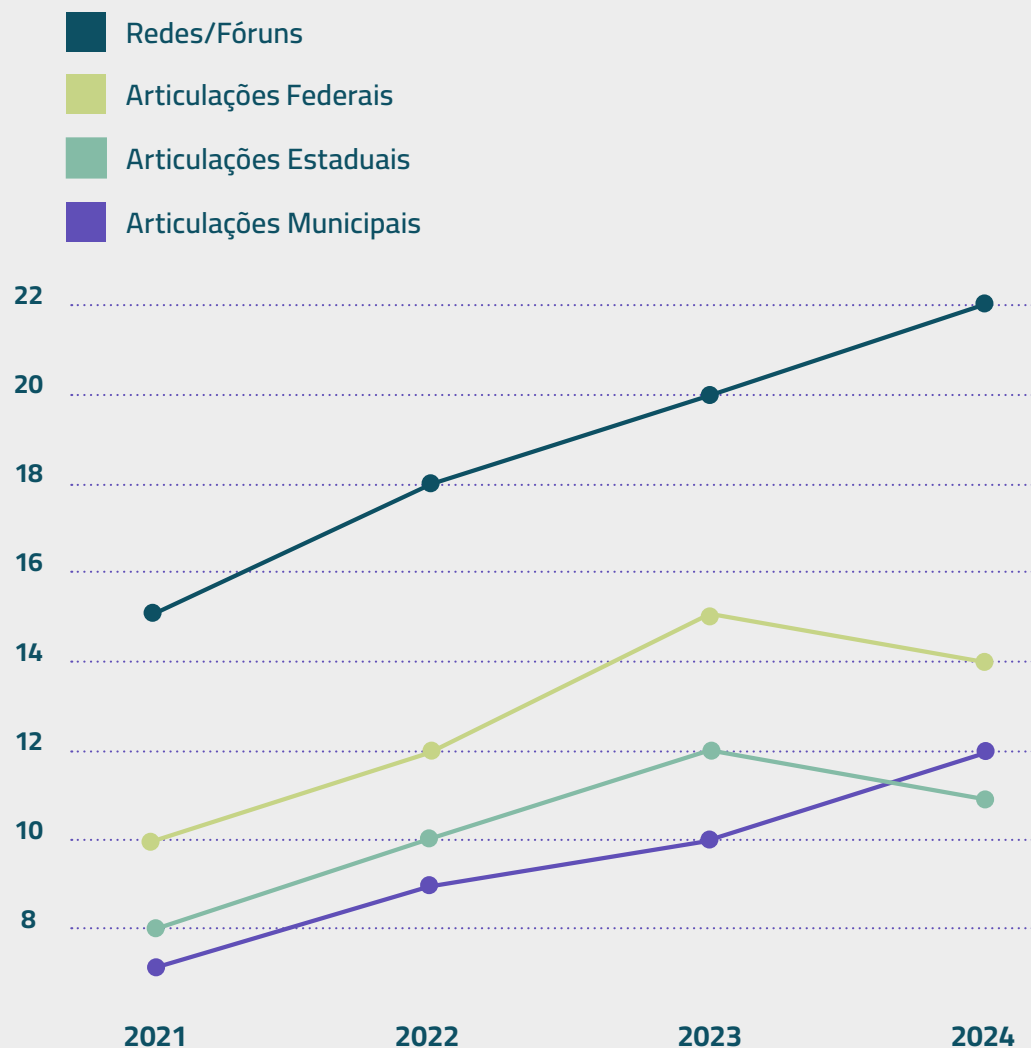
A análise sobre as parcerias estabelecidas e as ações de incidência política das organizações apoiadas no contexto do Programa GAGGA (ver gráfico abaixo, *Evolução da Participação das Organizações em Redes e Articulações [2021-2024]*) evidencia o papel estratégico do financiamento voltado para o fortalecimento de redes e capacidade de mobilização coletiva.

As informações produzidas revelam uma tendência de crescimento no número de organizações e coletivos atuando em redes e fóruns, acompanhada da ampliação de sua presença em esferas municipais, estaduais e federais. Esse movimento aponta para o fortalecimento das conexões interorganizacionais e para uma maior capacidade de ocupar espaços estratégicos no campo das políticas públicas. Os apoios realizados no âmbito do Programa GAGGA, portanto, não se limitaram à execução de ações pontuais, mas criaram condições para que redes de mulheres, coletivos feministas, socioambientais e comunitários se reconhecessem mutuamente e passassem a atuar de forma articulada, ampliando sua incidência política e territorial.



Foto: Cooperativa Mista de Produção e
Comercialização Camponesa do Estado
de Alagoas - COOPCAM

Gráfico 11 - Evolução das Organizações em Redes e Articulações



A análise integrada do perfil das organizações e coletivos apoiados permite compreender que, ao longo do período, não apenas houve expansão no alcance e diversidade das iniciativas, mas também se consolidou uma modalidade de apoio que articula a resistência territorial, incidência política e fortalecimento comunitário.

Certamente, a estratégia de *grantmaking* impulsionada pelo Fundo Casa no contexto do Programa GAGGA esteve orientada por princípios feministas, comunitários e decoloniais. Mais do que números, os apoios realizados evidenciam uma prática que valoriza tanto organizações formalizadas quanto coletivos informais, redes históricas e iniciativas emergentes. Essa trajetória reafirma que a transformação social nasce da base, das margens e das vozes invisibilizadas, consolidando um mapa político de alianças e resistências que tensiona a filantropia tradicional e cria espaço para soluções enraizadas nos territórios e protagonizadas por mulheres e dissidências.

 **75** ORGANIZAÇÕES APOIADAS EM QUATRO ANOS

 **58%** DE ORGANIZAÇÕES FORMALIZADAS APOIADAS

 **42%** DE COLETIVOS INFORMAIS

 **57%** DE GRUPOS FORMADOS APENAS POR MULHERES



5. RESULTADOS ALCANÇADOS NO CONTEXTO DO PROGRAMA GAGGA

Mudanças nas organizações e grupos apoiados

A partir das entrevistas realizadas, é possível afirmar que os impactos da mudança climática e o papel das mulheres no enfrentamento à crise representam uma agenda central nas organizações e coletivos apoiados pelo Fundo Casa e Aliança GAGGA.

Na visão das lideranças dos grupos entrevistados, o desenvolvimento de ações de visibilização e conscientização das mulheres e das comunidades (com foco em direitos) foi uma contribuição significativa do apoio que viabilizou a execução de ações de comunicação, de formação sobre os impactos do clima e sobre a importância de construir articulações e parcerias com outras organizações dos territórios de atuação.

“O apoio trouxe impactos expressivos tanto nos processos de produção agroflorestal como no manejo de resíduos e em ações de reflorestamento. O apoio do Fundo Casa foi chave para poder fazer acompanhamento técnico, para a participação em feiras agropecuárias e em atividades de comunicação, como os programas de rádio comunitária que desenvolvemos graças aos recursos recebidos”

(Pessoa entrevistada)



A capacitação técnica para a geração de renda, como, por exemplo, para a produção do artesanato agroecológico, foi outro aspecto destacado como resultado do apoio, além das atividades socioeducativas desenvolvidas. Isso se deu por meio da produção de cartilhas sobre os impactos das mudanças climáticas, que permitiram alcançar além das mulheres, públicos mais amplos e diversos. Embora o foco prioritário fosse as mulheres da comunidade, foi possível alcançar principalmente jovens e as famílias, mas também as escolas — com a chegada da cartilha nas salas de aula — e meios de comunicação comunitários.

As abordagens desenvolvidas, o envolvimento de organizações comunitárias nas iniciativas apoiadas e o reconhecimento de problemas comuns em torno da temática dos impactos das mudanças climáticas, permitiu aos grupos apoiados envolver coletivos e associações em diversas regiões, escolas, igrejas, feiras comunitárias etc., ampliando as possibilidades de alcançar novas redes e a construção de parcerias.

Entretanto, os grupos tiveram que enfrentar diversos desafios para o desenvolvimento das iniciativas:

“Problemas de acesso à internet, falta de energia e de infraestrutura para armazenamento de energia produzida pelas placas solares, a distância dos centros urbanos e dificuldades de deslocamento nos territórios, especialmente durante a seca, geraram entraves na coordenação de atividades no território, no cumprimento do cronograma, levando em conta a diversidade de públicos e instituições (aldeias, escolas, associações, etc.) que queremos envolver”

(Pessoa entrevistada)



Foto: Coletivo Mãe Preta

Também é importante destacar as contribuições dos apoios para a construção de diversas parcerias com poder público, escolas, igrejas e com organizações da sociedade civil. Os apoios também abriram a possibilidade de alcançar novos financiamentos, tanto com financiadores internacionais como com organizações da filantropia independente (CESE, Podáli, Fundo Dema, Fundo Brasil etc.). Estas últimas tiveram um destaque maior, levando em conta que são instituições que promovem o acesso a recursos de forma flexível e desburocratizada, tendo como foco prioritário o fortalecimento de grupos comunitários de base na luta pelo reconhecimento e acesso a direitos, especialmente das minorias políticas e territórios periféricos.

Na atualidade, para as organizações e coletivos apoiados, o desafio está centrado nas perspectivas de continuidade, de obter novos recursos para ampliar os escopos das suas atuações e para dar destaque à agenda de direitos, considerada uma prioridade para seguir desenvolvendo ações de incidência junto a diversos atores.





Foto: Coletivo Mulheres Periféricas e LGBT+

Fundación Socioambiental Semilla: da semente ao fundo independente

Criada em 2019, a *Fundación Socioambiental Semilla* da Bolívia é um caso emblemático, já que a Aliança GAGGA e o Fundo Casa Socioambiental são referências que guiaram tanto a sua estruturação como a atuação ao longo da sua trajetória de seis anos. De fato, de acordo com um dos seus fundadores:

“A sua criação foi resultado do desenvolvimento de estratégias diversificadas e colaborativas de fortalecimento e transformação promovidas por atores estratégicos que atuam no campo da filantropia socioambiental e que teve o Fundo Casa como ator central e protagonista”.

(Pessoa entrevistada)

O processo da criação da *Fundación Semilla* está relacionado à trajetória da Blue Foresta, uma ONG que atuava no campo do jornalismo ambiental. Nesse período, a organização foi apoiada tanto no contexto do Programa Sul-Americano⁵ como pelo Programa GAGGA em 2016, período em que o Fundo Casa atuava como o Fundo Socioambiental integrante da Aliança GAGGA, realizando apoios a organizações de base na Bolívia e Paraguai. Entretanto, nos anos de 2017 a 2019, houve mudanças significativas na atuação do Fundo Casa, e o Programa Sul-Americano começa uma nova etapa, a partir da transferência da responsabilidade desses apoios para os fundos locais criados em seis países da região. Esse processo contou com suporte técnico, político e financeiro e hoje integra a [Alianza Socioambiental Fondos del Sur](#).

⁵ O Programa Sul-Americano foi criado em 2007 para atender às necessidades das comunidades impactadas por grandes empreendimentos de energia na América do Sul. <https://casa.org.br/programas/>

No intuito de fortalecer o ecossistema de apoio na área socioambiental na América do Sul, o Fundo Casa Socioambiental enxergou o potencial do Blue Foresta como uma referência na Bolívia, e a partir da transferência de recursos financeiros, metodologias, tecnologias, aprendizados e conhecimentos produzidos com base nos seus anos de atuação, fomentou um processo de fortalecimento institucional para que a organização boliviana se tornasse um fundo independente: a *Fundación Socioambiental Semilla*.

Os primeiros passos foram dados em 2017, ano no qual a organização recebeu recursos do Fundo Casa Socioambiental para essa transição. Em 2018, foi iniciado o processo legal de constituição e, em 2019, a Fundación se instalou como uma fundação formalizada e com capacidade de gestão independente.

“Nessa trajetória, o Blue Foresta, que é a semente da *Fundación Semilla*, passa de ser um *grantee* do Fundo Casa para atuar como *grantmaker*, isto é, como um fundo socioambiental independente na Bolívia que acabou integrando a Aliança GAGGA em 2021”.

(Pessoa entrevistada)

A Fundación Semilla começou a realizar os primeiros apoios para grupos locais, com foco em microprojetos, no ano de 2020 e, ao longo dos seis anos de atuação, apoiou 277 grupos, doando US\$ 1,2 milhão. Na visão do fundador, o grande salto da atuação foi em 2021, com a inclusão da Fundación Semilla na Aliança GAGGA, apoiando 63 projetos, sendo oito no Paraguai⁶.

Para além da possibilidade de fortalecer a sua estratégia de apoio, para a pessoa entrevistada, “é fundamental apontar para a importância dos aprendizados, das trocas de experiência — tanto no campo socioambiental como no da filantropia — e das conexões e participação em redes internacionais (como Human Rights Funders Network/ HRFN, EDGE Funders, WINGS), resultado desse processo” (Pessoa entrevistada).

A integração na Aliança GAGGA trouxe resultados positivos para Semilla, já que deu visibilidade à sua atuação. Isso possibilitou também a abertura para alcançar outros financiamentos (Global Fund for Community Foundations/GFCF, Oak Foundation e Interamerican Foundation/IAF) que contribuíram para o seu fortalecimento, além da participação em redes e em encontros regionais e internacionais.

“Os encontros de articulação e aprendizagem são fundamentais porque criam conexão, ajudam a construir e fortalecer agendas” (Pessoa entrevistada).

Para o fundador, os aprendizados e resultados alcançados foram também significativos no que diz respeito aos processos de transformação dos territórios e de grupos de base.

“A experiência indica que é possível chegar às comunidades e territórios e que através de pequenos apoios se alcançam resultados expressivos, principalmente no que diz respeito aos processos de fortalecimento de grupos e lideranças locais” (Pessoa entrevistada).

Outro aspecto destacado é a atuação do Semilla no campo da incidência, já que “no contexto de GAGGA foram impulsionados agendas e projetos de lei voltados para as políticas públicas” (Pessoa entrevistada).

⁶ A atuação da Fundación Semilla no Paraguai esteve relacionada ao fato de que não conseguiu se consolidar a criação de um fundo nesse país e, nesse contexto, Semilla acabou assumindo essa gestão.

Por sua vez, na visão do fundador, a cooperação entre fundos de mulheres e socioambientais é chave estratégica porque “é fundamental reconhecer o papel das mulheres nos processos de transformação tanto nos territórios e comunidades locais como no âmbito da articulação política” (Pessoa entrevistada).

A Alianza Socioambiental Fondos del Sur é reconhecida como um espaço-chave não apenas por ser estratégico para a troca de conhecimentos e fortalecimento das articulações, mas para dar visibilidade à atuação dos fundos socioambientais e para o trabalho de incidência.


“Não é possível entender a história e a trajetória da Alianza Socioambiental Fondos del Sur sem GAGGA que é e foi um diferencial. A sua descontinuidade vai gerar impactos também no campo da filantropia. Entretanto, as alianças e o trabalho em rede serão fundamentais para manter o movimento, para continuar mantendo conexões em tempos adversos”.

(Pessoa entrevistada)




Foto: Todos Juntos Ninguém Sozinho



A graphic element on the left side of the page consists of a large white circle. Overlapping the top and bottom edges of this circle are stylized green leaves, resembling those of a bromeliad or similar plant. The leaves are layered, with some appearing in front of the circle and others behind it, creating a sense of depth. The background of the entire page is a solid dark teal color.

**6. PONTOS DE
CHEGADA: OS
IMPACTOS DO
PROGRAMA
GAGGA NA
ATUAÇÃO DO
FUNDO CASA
SOCIOAMBIENTAL**



Nos 21 anos de atuação do Fundo Casa Socioambiental, os projetos liderados por mulheres (ou com participação/protagonismo de mulheres) sempre tiveram relevância, tendência que foi se fortalecendo ao longo do tempo e se fazendo evidente nos diversos processos de seleção, alcançando todas as chamadas.

Houve reflexos também na comunicação e na construção de narrativas, mas é importante ressaltar que:

“A Aliança GAGGA chega para fortalecer uma forma de fazer apoios que já estava instalada, de conectar as temáticas de meio ambiente com a agenda de gênero” (Pessoa entrevistada).

Essa mudança progressiva de visão, além de impactar os processos de apoio em todas as áreas temáticas, parte do reconhecimento da relevância do envolvimento das mulheres nos territórios em diversos níveis: conservação do meio ambiente, soluções locais para o clima, geração de trabalho e renda, bem viver, defesa de direitos, educação e conscientização.

“Os impactos do Programa na atuação do Fundo Casa são visíveis. A GAGGA teve um impacto orgânico na atuação do Fundo Casa, já que as mulheres começaram a ter uma presença mais visível como público prioritário, saindo da invisibilização. Por exemplo, o programa de defensores/as passa por uma mudança estrutural a partir da GAGGA porque começa a colocar as mulheres como foco prioritário, já que 60% das pessoas ameaçadas e vulnerabilizadas são mulheres”. (Pessoa entrevistada).

A abordagem de gênero passou a ser uma das prioridades da estratégia de apoio do Fundo Casa Socioambiental e a integração desta perspectiva como tema transversal para todos os programas do Fundo Casa resultou na criação da Política de Gênero no ano de 2025.



Foto: GRUPO DE MULHERES INDÍGENAS CUNHÃ PORÃ - Construção de cartilha

A mudança de perspectiva, com foco em gênero, teve também impactos nas articulações e parcerias do Fundo Casa, na promoção de debates e eventos, na construção de narrativas e estratégias de comunicação, assim como na produção de conhecimentos, a exemplo das publicações que são instrumentos estratégicos no contexto das ações de incidência.

Certamente, o Programa foi expressivo porque, ao longo de 10 anos, conseguiu apoiar projetos com a perspectiva de gênero e meio ambiente, gerando trocas, aprendizados, testando abordagens e dinâmicas colaborativas para agir coletivamente.

“GAGGA é uma referência fundamental para o campo da filantropia independente e para fazer incidência e, de fato, foi estratégico para atrair parcerias e financiamentos” (Pessoa entrevistada).

Com relação às ações de incidência, um aspecto destacado no contexto do Programa e na atuação do Fundo Casa Socioambiental foi a idealização da Alianza Socioambiental Fondos del Sur (Socio-Environmental Funds of the Global South Alliance) — integrada por fundos socioambientais independentes que atuam no Sul Global — que deve ser entendida como um percurso de inspiração, resultado da Aliança GAGGA.

“Porque partiu do reconhecimento do papel dos fundos de mulheres nos processos de transformação de territórios e comunidades e que foram uma referência inspiradora (para o Fundo Casa e para a Alianza)” (Pessoa entrevistada).

Os desafios atuais estão relacionados às perspectivas de continuidade, já que a Aliança GAGGA encerrará a parceria com a Cooperação Holandesa a partir de 2026. Nesse cenário, a pergunta que surge é: **“quais serão as consequências para o Fundo Casa, que vai deixar de contar com recursos específicos para esse tipo de apoio? O corte de recursos não pode implicar o fim desta abordagem que já está instalada na cultura organizacional, mas tem que continuar sendo fortalecida” (Pessoa entrevistada).**

As reflexões apresentadas apontam para um desafio que ultrapassa a dimensão financeira do Programa, uma vez que aborda o sentido político da iniciativa. Como mencionado, o encerramento deste ciclo de atuação da GAGGA ocorre num cenário de incertezas políticas e de retração de recursos financeiros oriundos do ecossistema de financiamento internacional, trazendo desafios concretos para a sua continuidade. No entanto, os resultados observados ao longo da trajetória da GAGGA demonstram que apoiar iniciativas lideradas por mulheres e dissidências continua sendo uma estratégia determinante para fortalecer ações de justiça climática nos territórios.



Como evidenciado, esses apoios contribuíram para ampliar capacidades organizacionais, impulsionaram redes, promoveram iniciativas de incidência política, diversificaram fontes de renda e consolidaram saberes comunitários que respondem, de forma situada, a crises ambientais complexas.

As transformações alcançadas — mesmo diante de recursos limitados — revelam a potência de soluções que emergem dos territórios e que são sustentadas por vínculos comunitários, ancestralidade, cuidado e defesa do bem viver.

Por isso, mais do que interromper um ciclo, este momento convida a renovar compromissos. Continuar apoiando ações de enfrentamento às mudanças climáticas lideradas por mulheres, pessoas trans e de grupos vinculados a minorias políticas significa garantir que essas conquistas não sejam apenas protegidas, mas ampliadas; que as alianças construídas se mantenham vivas; e que os territórios sigam sendo espaços de resistência e de imaginação e futuro.

